

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LIVIA APARECIDA BOER

**MÚSICA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL: USOS E  
POSSIBILIDADES DO YOUTUBE COMO RECURSO METODOLÓGICO**

ITUIUTABA

2022

LIVIA APARECIDA BOER

**MÚSICA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL: USOS E  
POSSIBILIDADES DO YOUTUBE COMO RECURSO METODOLÓGICO**

Monografia apresentada ao curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira

ITUIUTABA

2022

**MÚSICA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL: USOS E  
POSSIBILIDADES DO YOUTUBE COMO RECURSO METODOLÓGICO**

Monografia apresentada ao curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História Licenciatura e Bacharelado.

Ituiutaba, 30 de março de 2022.

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira

---

Profa. Dr. Sandra Alves Fiuza

---

Profa. Ma. Anelize Vergara

Dedico este trabalho a todos profissionais da  
educação.

## AGRADECIMENTOS

Estar a um passo de concluir uma graduação nunca foi algo que imaginei conseguir, pois são muitas as dificuldades, o Trabalho de Conclusão de Curso era uma delas (um dos meus maiores receios). Nesse momento, faz-se necessário agradecer a todos que me auxiliaram nessa jornada e fizeram possível essa conquista.

Agradeço primeiro a minha família, Wanderley Aparecido Boer (pai); Juliete Antônio Ribeiro Boer (mãe); Tamires Cristina Boer (irmã) e Mateus Antônio Boer (irmão), pela compreensão da minha distância, ausências em datas importantes, surtos com os fins de semestre e também, por todo amor e incentivo que sempre me deram. Vocês sempre foram meus maiores companheiros e suporte em todo esse processo de formação.

Ao meu fiel amigo Kevin Douglas Pereira Penteadado por todas conversas, suporte, companheirismo e amizade mesmo à distância, nossos 11 anos de convivência me tornaram uma pessoa melhor e sei que temos muito a aprender juntos ainda.

Certamente, sou grata também a Carlos Henrique Alves do Couto e Stefanie Kathleen de Sousa Quintino por terem sido meus maiores amigos na graduação, foi um prazer conhecê-los em Ituiutaba, sou grata a todos os momentos, inclusive os perrengues, pois vocês nunca faltaram. Nossa amizade está em meu coração e levo para a vida.

Ao meu grupo de amigos, Pedro Henrique Vilela, Giulia Abden Nabi e Bianca Oliveira, meus maiores companheiros de procrastinação, estudos e surtos. Agradeço também, a todos meus colegas de sala de aula, só nós sabemos tudo que passamos juntos.

A todos servidores da Universidade Federal de Uberlândia, conselhos de graduação, toda equipe de manutenção, limpeza e as “tias” do cafezinho, sem vocês, o ambiente acadêmico não seria tão proveitoso.

A todos professores do curso de graduação em História do campus Pontal por me ensinarem a refletir sobre coisas inimagináveis e auxiliarem tanto para minha formação pessoal e profissional. Em específico, agradeço a Profa. Dra. Dalva Maria de Oliveira Silva, por me ensinar e ter paciência com minha dificuldade com pesquisa durante sua tutoria no Programa de Educação Tutorial (PET\História) do qual integrei por aproximadamente 3 anos e também sou grata a experiência.

Ao Prof. Dr. Aurelino José Ferreira Filho, pelas conversas descontraídas e dicas de vida tão valiosas, você tornou minha graduação mais agradável! O mesmo se faz para o Prof. Dr. Eduardo Giavara, que carinhosamente chamávamos (minha turma) de “Paizão”. Ele ainda nos deve um churrasco.

Agradeço também a Profa. Dra. Sandra Alves Fiuza, mesmo não cursando muitas disciplinas ministradas por ela, o incentivo logo no começo do curso, com todas dicas, comentários e afins, fez com que todo esse processo fosse mais vital. Obrigada!

Sem dúvidas, um professor do qual tenho muito o que agradecer é o Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira. Novo no campus, apresentei minha proposta (ainda bagunçada) de pesquisa e sem receios topou, estamos nessa empreitada de pesquisa, projeto e TCC há uns 3 anos. Nesse período, passei nervoso, chorei, ri e com certeza, aprendi muito. Obrigada pela paciência, orientação, liberdade e confiança. Nós conseguimos!

Claro, não poderia deixar de agradecer a todos os animais (cachorros e gatos) que perambulam pelo campus, o cansaço facilmente se dissipava quando um deles se aproximava em busca de carinho. Obrigada Prof. Dr. Antônio Carlos Ferreira Batista (Flash) pela dedicação e zelo ao bem estar de todos eles.

De todo meu coração, agradeço a Raissa D'aquila Ferreira, minha companheira em todo esse processo. Todas as vezes que desanimei e desacreditei do meu potencial, ela me mostrou força e o lado positivo, sem dúvidas, sem seu apoio, esse trabalho teria sido muito mais cansativo e difícil. Sou grata a toda ajuda e pela sua existência em minha vida.

Em meio a pandemia do COVID – 19, a adequação ao ensino remoto não foi fácil. Felizmente, tive um lugar de fuga, por isso, agradeço a todas as meninas da República H2o (UNESP – Araraquara), por terem me agregado e permitido que eu me sentisse em casa. Guardo todas com muito carinho.

Não menos importante, agradeço aos meus amigos da República Sueca (UNESP – Araraquara) que me deram um cantinho para terminar a monografia. Certamente, estar em um ambiente universitário fez toda diferença. Obrigada, meus companheiros de casa.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte direta ou indiretamente dessa jornada, posso não ter mencionado, mas tenho todos em meu coração.

Num daqueles *breaks* para trocar a fita de rolo, Gil entra no estúdio dando de cara com a guitarra, o baixo e as pedaleiras caseiras, impressionado com o *high-tech* mutantesco, arrisca a pergunta que mudou a humanidade:

“pois é, eu tenho uma outra música inscrita no mesmo festival e tô pensando aqui que vocês podiam fazer comigo ao vivo, topam?”

“Mas não é festival de música brasileira?”

“É, mas vocês não são brasileiros?”

“Mas a gente não sabe tocar música brasileira, a gente só faz rock.”

“Então vamos fazer rock brasileiro, oras”

“Mas pode tocar guitarra em festival de música brasileira?”

“Até agora não podia, mas passa a poder. A música se chama ‘Domingo no parque’, tô pensando aqui num arranjo chiclete com banana e ver no que dá. Bora nessa?”

LEE, Rita. Rita Lee: uma autobiografia. 1.ed. São Paulo, Globo, 2016, p. 70.

## RESUMO

Buscando explorar as possibilidades do Ensino de História em meio a pandemia do COVID-19, esse trabalho traz reflexões sobre o experimento do Youtube como um recurso metodológico. Para isso, foram escritos três capítulos que realizam discussão bibliográfica sobre os campos de História Pública, História Pública Digital, Ensino de História e Música Popular, o Movimento da Tropicália e análise de canção como fonte, amparados em autores que discutem tais temáticas e são fundamentais para a compreensão. Também, trazer à tona o uso de recursos digitais para o fazer histórico, pensando na importância dos historiadores e professores se apropriarem desses mecanismos. Por fim, apresenta o processo de produção da websérie “A Canção no Ensino de História”, apresentando tópicos sobre roteiro, gravação, edição e recepção do público. Foram três episódios que exploram a relação do Ensino de História e da Música Popular, o movimento da Tropicália e análise da música “*Panis et Circensis*”, visando expandir as possibilidades de uso da canção como fonte.

Palavras-chave: Ensino de História; História Pública Digital; Música Popular; Tropicália; YouTube.



## **ABSTRACT**

Seeking to explore the possibilities of History Teaching in the midst of the COVID-19 pandemic, this work brings reflections on the Youtube experiment as a methodological resource. For this, three chapters were written for the development of the bibliographic discussion on the matters of Public History, Digital Public History, Teaching History and Popular Music, the Tropicália Movement and analysis of song as a source, supported by authors who discuss such themes and are fundamental for understanding. Also, is discussed the use of digital resources to make history, thinking about the importance of historians and teachers to appropriate these mechanisms. Finally, it presents the production process of the webseries “A Canção no Ensino de História”, presenting topics about script, recording, editing and public reception. There were three episodes that explore the relationship between History Teaching and Popular Music, the Tropicália movement and analysis of the song “Panis et Circensis”, aiming to expand the possibilities of using the song as a source.

Keywords: Teaching History; Digital Public History; Popular music; Tropicália; YouTube.

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 Capa do álbum “Tropicália ou Panis Et Circensis” .....	33
Imagem 2: Celular conectado com microfone de lapela apoiado sobre porta lápis que está apoiado em cima de livros e um notebook .....	41
Imagem 3: Cenário de fundo do vídeo piloto .....	42
Imagem 4: vídeo de apresentação sem sombra ao fundo .....	43
Imagem 5: Episódio 2 com sombra ao fundo .....	43
Figura 6: Print da tela inicial do Canva. ....	44
Imagem 7: Print da tela de edição do Shotcut com o Ep. 2.....	45
Imagem 8: Print da tela de edição do Shotcut com o Ep. 3.....	46
Imagem 9: Tabela de métricas geradas pelo YouTube.....	50
Imagem 10: Marcha Contra a Guitarra Elétrica (1967).....	68
Imagem 11: João Gilberto .....	68
Imagem 12; Antônio Carlos Jobim.....	69
Imagem 13: Erasmo Carlos e Roberto Carlos, 1967 .....	69
Imagem 14: Programa Jovem Guarda, em destaque Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Vanderléia, Wanderley Cardoso e Jerry Adriani.....	69
Imagem 15: Edu Lobo (1967) .....	70
Imagem 16: Gil e os Mutantes na apresentação de Domingo no Parque (1967).....	70
Imagem 17: Marília Medalha, Edu Lobo e Momento Quatro, durante Ponteio (1967).....	70
Imagem 18: Tropicália, Hélio Oiticica (1968) .....	71
Imagem 19: Capa do filme “Terra em Transe” de Glauber Rocha (1967).....	72
Imagem 20: Ítala Nandi e Renato Borghi contracenando em O Rei da Vela (1967). ....	72
Imagem 21: Registro da segunda montagem de O Rei da Vela, produzida pelo Teatro Oficina em 1971 .....	72
Imagem 22: Capa do álbum Caetano Veloso (1968).....	73
Imagem 23: Capa do álbum Gilberto Gil (1968).....	74
Imagem 24: Capa do álbum Tropicália ou Panis et Circense (1967).....	74
Imagem 25: Capa do álbum Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band.....	75
Imagem 26: Os Mutantes.....	77
Imagem 27; Os mutantes em apresentação .....	78
Imagem 28: Kurt Cobain com CD dos Mutantes nas mãos .....	78
Figura 29: Card Apresentação .....	80
Figura 30: Card Episódio 1.....	81
Figura 31: Card Episódio 2.....	81
Figura 32: Card Episódio 3.....	82

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL, ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA</b> .....	<b>16</b>
2.1	História Pública Digital .....	16
2.2	Ensino de História e Música Popular.....	20
2.3	A História Pública Digital como possibilidade para o Ensino de História da Música Popular .....	24
<b>3</b>	<b>EXPLORANDO: TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENSE COMO TEMÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	<b>28</b>
3.1	Entrelaces: O contexto, as artes e o movimento .....	28
3.2	Tudo junto e misturado: o disco manifesto.....	32
3.3	Panis et Circense: análise da letra .....	34
<b>4</b>	<b>A WEBSÉRIE “A CANÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA”: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA</b> .....	<b>38</b>
4.1	Construção do roteiro.....	38
4.2	Produção de vídeos: gravação e edição .....	40
4.3	Recepção .....	48
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
<b>6</b>	<b>ANEXOS</b> .....	<b>59</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O que podemos esperar de um trabalho que mistura História Pública Digital, Tropicália ou Panis et Circenses e *YouTube*? Essa pergunta pode ser respondida ao falarmos sobre Ensino de História atrelando esses campos tendo em mente suas amplas possibilidades, visto que são diversos os recursos que podem ser utilizados para aprimorar a didática e facilitar a compreensão dos estudantes. Um exemplo disso, é o uso da Música Popular Brasileira, pois é variada e pode ser um objeto atraente, adentrando o uso da Tropicália na construção desse trabalho.

Quando esses temas são atrelados a História Pública Digital, vemos nascer uma gama de cenários que possibilitam nosso fazer como professores e historiadores, para isso, devemos compreender seus usos. Por isso, entender os meios digitais como metodologias úteis para o ensino é fundamental, ainda mais utilizando a canção como temática. Nesse trabalho, visamos abordar esses conceitos e os colocar em prática por meio da reflexão do uso do *YouTube* como um recurso metodológico.

Pensando nessa abertura, é imprescindível iniciarmos compreendendo a localização da História Pública Digital, pois “O digital é um catalisador para o encontro da história e do Popular” (LUCCHESI; TELLES, 2020, p.35) com a intenção de melhor entender seus usos e principalmente, sua devida magnitude e uma possível democratização do conhecimento, pois trata-se da tentativa de aproximar a História de um público mais amplo, ou seja, da academia com pessoas não especializadas devido a possibilidade de trazer ao mundo digital os documentos e fontes antes restritos a arquivos, museus e bibliotecas.

De certo, o *YouTube* pode ser incluso como recurso metodológico se discutido por esse viés, pois através de seu mecanismo de publicação de vídeos é possível debater diferentes temas de forma acessível, com a especialização de um profissional. No entanto, não podemos nos enganar. Os autores Jaimes Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2021), em texto sobre os usos pedagógicos do *YouTube* e Podcasts, apontam que não é apenas o acesso a informação que combate a desinformação, é antes de tudo, necessário ensinar o fazer histórico para que o estudante possa diferenciar boas e más informações.

Principalmente quando pensamos na ferramenta *YouTube*, pois possui diversas funcionalidades, além dos vídeos propriamente. Hoje, vemos pessoas que possuem renda

mensal por meio da criação de conteúdos monetizados<sup>1</sup>, ou seja, com ganho financeiro pelo alcance de seu produto. Também, durante a pandemia foi uma excelente plataforma para recreação e informação para aqueles que ficaram em casa e possuem o privilégio de ter aparelhos eletrônicos e acesso à internet. Atualmente, a plataforma possui cerca de 2 bilhões de usuários e 42,9% dos usuários<sup>2</sup> da internet acessam todo mês o *YouTube*. Um crescimento notável desde sua criação em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, que visavam um lugar adequado na rede para consumir, armazenar e compartilhar vídeos.

Vale ressaltar que em 2006 a empresa foi comprada pelo Google, fato que impulsionou ainda mais suas funcionalidades e hoje em dia possui até mesmo recursos pagos e é a plataforma de vídeos mais consumida na internet global, sendo 70% por meio de dispositivos móveis e com temáticas diversificadas<sup>3</sup>, desde vlogs sobre o dia-a-dia de um youtuber, culinária, bem-estar, autocuidado, tutoriais, vídeo aulas e afins.

Sendo assim, fica visível a necessidade de incorporar esse mecanismo e colaborar para sua disseminação, uma vez que precisamos trazer à tona o que é a História, o ofício do historiador e suas infinitas possibilidades ao público leigo. Evidentemente uma ótima forma de se começar é pela internet e com a possibilidade de utilizar diferentes ferramentas com esse intuito, nosso leque é estendido e podemos abarcar um número maior de pessoas para essa jornada que é o conhecimento histórico.

E claro, como já percebemos, é necessária uma temática para discutir. A escolhida para esse trabalho é a relação do Ensino de História e da Música Popular Brasileira, pensando o fonograma *Tropicália ou Panis et Circensis* (1968) desenvolvido sob o contexto da Ditadura Civil-Militar que reprimia e censurava os artistas que se opunham ao sistema, sendo visto como um movimento que tinha como objetivo expor as práticas dos setores conservadores da sociedade brasileira.

Pensando no que foi apresentado até então, o trabalho visa responder ao seguinte questionamento: Como utilizar o Youtube como ferramenta metodológica para o Ensino de

---

<sup>1</sup> CRIACO, Douglas; LISBOA, Alveni. Conteúdo monetizado do YouTube distribuiu US\$ 30 bilhões a youtubers em 3 anos. Canal Tech. 24 de ago. de 2021, às 13h00. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/conteudo-monetizado-do-youtube-distribuiu-us-30-bilhoes-a-youtubers-em-3-anos-193506/>. Acesso em 17 de mar. De 2022.

<sup>2</sup> Dados disponíveis: QUANTAS pessoas usam o YouTube em 2021; [Novos Dados]. **Affde**, 2022. 'Disponível em: <https://www.affde.com/pt/youtube-users.html>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

<sup>3</sup> Ver em: YOUTUBE During The Covid-19. In: Youtube: Culture & Trends. 25 de jun. 2020. Disponível em: / <https://www.youtube.com/trends/articles/what-it-means-to-stayhome-on-youtube>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

História e quais suas potencialidades? Aspirando esses campos e visando responder a problemática, foi elaborada uma websérie intitulada “A Canção no Ensino de História”, com 3 episódios, veiculados pelo canal do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH) no *YouTube*.

Para realizarmos a discussão bibliográfica, foram utilizados autores que são fundamentais para a compreensão desses temas. Iniciamos pelo campo da História Pública, ao falarmos sobre esse assunto, devemos ter em mente que o objetivo é fazer história *para, com, e pelo* público, visando a democratização desse saber (SANTHIAGO, 2016). Isso nos leva a História Pública Digital, pois ao praticarmos esse fazer, estamos permitindo o compartilhamento de autoridade, mas não no sentido de perder a credibilidade do historiador, mas sim, de mostrar que todos nós possuímos e somos agentes ativos dentro da História, por isso, devemos nos mobilizar para aprimorar esses saberes, ou seja, compreender esses mecanismos digitais e os utilizar para o nosso fazer (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019); (CARVALHO, LUCCHESI, 2016); (NOIRET, 2015).

Cabe ressaltarmos que o historiador Giliard da Silva Prado ao falar sobre o ofício de historiador na era da internet, salienta para o letramento digital do historiador, ou seja, compreender as diferentes linguagens que circulam nos meios digitais, pois só assim pode de fato analisar as novas fontes advindas da História Digital. Sem dúvidas, com esse trabalho, buscamos compreender o uso dessa plataforma e também compartilhar para que seja útil a outros professores e historiadores, ampliando nosso leque de possibilidades do conhecimento histórico (PRADO, 2021).

Certamente, a inclusão da música popular como recurso metodológico está ligado a curiosidade pessoal sobre a temática, visto que as canções sempre fizeram parte do cotidiano, ao ingressar no curso de graduação em História e perceber que é possível sim fazer a conexão entre esses temas, utilizar a Tropicália como exemplo foi um percurso construtivo. Para isso, foi realizado levantamento dentro da plataforma para compreender como estava sendo discutida a temática e assim, poder a inserir pensando letra e música, sem desassociar os aspectos sonoros e estéticos da poética, não de forma que gere uma dicotomia entre o profissional e o leigo, mas que propicie abertura para discussões (NAPOLITANO, 2005).

Nessa trilha, o primeiro episódio desenvolvido é “Ensino de História e Música: O que é isso?” que trabalha a relação desses dois conceitos e os apresenta de forma didática, visando

a melhor compreensão do uso da música como fonte<sup>4</sup>. O segundo “Tropicália: o contexto, as artes e o movimento”, trouxe esse movimento como tema para colocar em prática o que foi discutido no primeiro, ou seja, apresentar o contexto para melhor compreensão da obra e da História naquele momento<sup>5</sup>. Por fim, o terceiro “Análise da música “Panis et Circense”, coloca em prática e exemplifica como podemos analisar uma canção, sintetizando e finalizando a proposta<sup>6</sup>.

Para além dessa parte prática, foram escritos três capítulos. O primeiro aborda os conceitos de História Pública Digital, Ensino de História e Música Popular Brasileira. Nesse sentido, pensamos a História Pública Digital como possibilidade para o Ensino de Música Popular, visando compreender as possibilidades desses campos, ou seja, do fazer histórico nos meios digitais por meio da discussão do uso da Música como fonte. Para isso, utilizamos como aparato, o historiador Marcos Napolitano, pois ele aponta que a canção deve ser analisada com todo seus aspectos: letra, melodia, arranjos, contexto.

O segundo aprofunda no movimento da Tropicália e traz um panorama sobre como tem sido discutido, qual contexto e importância do grupo. Para melhor examinar, traz análise da Canção “Panis et Circense”, utilizando as discussões apresentadas por Celso Favaretto, um dos grandes pesquisadores do Tropicalismo, pois ele aponta que o grupo é responsável pela autonomia da canção popular por meio do álbum que consolida este gênero musical no país.

Por fim, o terceiro capítulo traz detalhadamente o processo de produção de vídeos para o *YouTube*, visando explicitar como foi pensado esse experimento e auxiliar professores que almejem criar conteúdo também, apresentando como foram elaborados roteiros, realizadas as gravações e edições, e por último, a recepção do público, trazendo dados de visualizações, comentários e das métricas fornecidas pela própria plataforma. Espero que a leitura desse trabalho seja tão proveitoso quanto foi o processo de escrita.

---

<sup>4</sup> BOER, Livia. A Canção no Ensino de História | Episódio 1 - Ensino de História e Música: O que é isso?.

**Youtube.** 4 de mar. De 2022. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=WwIRkK9UCAk&list=PLtKzeLX\\_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=WwIRkK9UCAk&list=PLtKzeLX_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=2).

<sup>5</sup> BOER, Livia. A Canção no Ensino de História | Episódio 2 - Tropicália: o contexto, as artes e o movimento.

**Youtube.** 7 de mar. De 2022. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=qdjo\\_oM7UxM&list=PLtKzeLX\\_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=qdjo_oM7UxM&list=PLtKzeLX_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=3)

<sup>6</sup> BOER, Livia. A Canção no Ensino de História | Episódio 3 - Análise da música “Panis et Circense”. **Youtube.**

9 de mar. De 2022. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=y8knt6wu4FU&list=PLtKzeLX\\_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=y8knt6wu4FU&list=PLtKzeLX_UqrdUpofQHEhwD-4p7vLAEMju&index=4)

## 2 HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL, ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA

### 2.1 História Pública Digital

As discussões de História Pública no Brasil são recentes, para sermos mais precisos, o primeiro curso sobre o tema foi realizado em 2011 na Universidade São Paulo (USP) e o segundo em 2021<sup>7</sup>. Nesse intervalo de 10 anos entre um evento e outro foi constituída a Rede Brasileira de História Pública (RBHP) em 2012 e realizados quatro Simpósios: 1º Simpósio Internacional de História Pública: A História e seus públicos (USP, 2012); 2º Simpósio Internacional de História Pública: Perspectivas para a História Pública no Brasil (UFF, 2014); 3ª Simpósio Internacional de História Pública: História Pública em debate (URCA, 2016); 4º Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública e a 5ª Conferência Anual da Federação Internacional de História Pública (USP, 2018). Desse modo, é imprescindível fazermos um apanhado desse campo de discussão para compreendermos seus avanços e usos. Um dos primeiros passos foi a sua distinção em relação a história oral, para que não fosse confundido, por se tratar de uma área específica de discussão<sup>8</sup>. Teve seu início nos Estados Unidos, perpassou pela Austrália, Grã-Bretanha e hoje vemos o Brasil como o grande impulsionador desse campo na América Latina.

Desde então, o campo tem se expandido, como explicita o historiador Ricardo Santhiago, um dos grandes propulsores desse tema no país, ao nos indicar que a História Pública está atrelada ao sentido de dar nome ao que já era feito, mas com suas próprias características e dificuldades.

Outra parte da insistência nessa pergunta – “por que dar um novo nome a uma velha prática” – pode estar vinculada ao caráter polissêmico da expressão *história pública*, que se refere, pelo menos, a três instâncias: a atuação efetiva em história pública, isto é, *fazer* história pública; a reflexão sobre história pública, isto é, *pensar* a história pública; a reunião programada em torno da história pública, isto é, o *campo* da história pública. (SANTHIAGO, 2016, p. 25).

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://doity.com.br/historiapublica>. Acesso em 10. Jun de 2021.

<sup>8</sup> A historiadora Jill Liddington, aborda em seu texto “O que é História Pública? Os públicos e seus passados” os primeiros passos desse campo, sua institucionalização e expansão.



De fato, ao falarmos sobre História Pública um amplo leque se abre devido suas possibilidades de trabalho, seja pela amplitude de fontes, quem as analisa ou como isso é trazido à tona, seja pela academia ou por pessoas não especializadas. Esse campo de estudo visa dialogar com quem não possui vínculos acadêmicos, mas trabalha com conhecimento histórico e, também com quem é especializado e visa a divulgação do conhecimento histórico para uma ampla audiência.

[...] a história feita para o público (que prioriza a ampliação das audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e história e público (que abarcaria a reflexividade e autorreflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que predominâncias e exclusividades são coisas bem diferentes (SANTHIAGO, 2016, p.28).

Ou seja, vemos que o alvo é o público e a discussão é focada na apropriação dos diferentes lugares de divulgação para que a história seja feita *para, com e pelo* público. Iniciativas como essa sugerem a democratização de um saber que todos produzem direta ou indiretamente, para que o historiador não seja mais uma figura “esotérica” e sim, agente de um conhecimento fundamental para o desenvolvimento.

Com a ampliação do campo e a incorporação de novas discussões, um dos temas discutidos é o digital, sendo assim, falamos em História Pública Digital. Vemos dia após dia um crescente uso das mídias eletrônicas, seja navegação em sites ou uso de redes sociais como forma de entretenimento, devido a isso, uma das preocupações é a participação dos historiadores nesse meio<sup>9</sup>. “Nós, historiadores e historiadoras, não somos invisíveis e o nosso trabalho não se tornou irrelevante, mas o nosso alcance social, que já não era o ideal, tem se tornado menor nos últimos anos.” (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019, p.16).

Imediatamente, há a necessidade de se apropriar desse meio tão comum para compartilhar o fazer histórico de forma que aproxime as pessoas não especializadas desse campo e possa abranger novas formas de se fazer a História. Um dos pontos destacados também por Carvalho e Teixeira é o discurso de autoridade:

---

<sup>9</sup> Pesquisa realizada pelo IBGE indica que 82,7% dos lares brasileiros em 2019 possuíam acesso a internet e os dois grupos de idade com maior uso estão entre os 14 a 19 anos com 90,2% e 20 a 24 anos com 92,7%. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em 10 de jun. 2021.

No meio digital, credibilidade e autoridade dependem principalmente de outros dois elementos: a capacidade de dominar a nova linguagem digital, garantindo presença no novo "espaço público", e a capacidade de alcançar grandes audiências, medida por número de cliques, compartilhamentos, visualizações, curtidas, seguidores e outras interações (CARVALHO; TEIXEIRA, 2019, p.15).

Dessa forma, adentramos em um ponto “chave”, pois não estamos nos referindo a documentos digitalizados em acervos, museus, bibliotecas on-line e assim por diante, pois remetem a uma primeira visão da História Pública Digital como propriamente realizada por coleta e análise desses documentos disponíveis na internet, estamos trabalhando com a ideia do profissional em História se apropriar dos mecanismos disponíveis na *web 2.0<sup>10</sup>* para compartilhar seus conhecimentos técnicos, ponto que os autores Carvalho e Lucchesi contribuem:

Compartilhar autoridade não se limita a processos de escrita pública ou coletiva apenas. A coautoria de um projeto pode tomar diversas formas para além do texto, as especificidades vão depender do escopo, dos grupos envolvidos, das relações que estabelecerem e, por fim, das estratégias e tecnologias selecionadas (CARVALHO, LUCCHESI, 2016, p. 159).

Ou seja, há reflexões para o uso do digital, o que torna evidente a necessidade de utilizar desse meio para o conhecimento histórico, visto que há grande amplitude e poucos são os historiadores que se apropriam das redes, sendo assim, é necessário que o historiador esteja disposto a aprender os mecanismos internos de funcionamento das mídias, pois a possibilidade de interação nelas tem desenvolvido amplo leque de diferentes produções historiográficas que não são produzidas por historiadores.

Certamente, o intuito da História Pública Digital não é monopolizar esse campo e destituir quem produz conteúdos com teor histórico sem obter os procedimentos básicos para tal ato, mas sim dialogar com tais produtores e também se incluir nesse meio, quer dizer, é construir uma História participativa, democrática e que seguindo os métodos corretos de análise e produção desse saber possa contribuir para uma historiografia digital que preze o correto distanciamento do objeto e análise crítica. Como aponta, Serget Noiret:

O historiador público deve poder fazer mediação com as formas públicas de conhecimento do passado que a rede oferece, contribuindo na primeira pessoa

---

<sup>10</sup> A web 2.0 é uma nova fase da internet em que os usuários podem ser mais ativos, compartilhando e colaborando com informações, “pode ser considerada como um fenômeno social, caracterizado pela descentralização” (BONFIM, 2008, p.1)

à narrativa do passado em meios virtuais. Construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo crítico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias coletivas embalsamadas – é certamente um papel profissional destinado ao trabalho do “public historian” (NOIRET, 2015, p.40).

Com a expansão dos mecanismos digitais e infinitos recursos, o historiador precisa estar apto a dominar as novas linguagens digitais, pois é preciso incorporar tais mecanismos para que a História não se torne obsoleta mediante a infinidade de discursos e possa atingir novos públicos e novas metodologias. O historiador Bruno Leal Pastor de Carvalho aponta sua hipótese para o universo digital:

A minha hipótese é que a autoridade do historiador não desapareceu no mundo digital, mas eu ela tem sido eclipsada por uma multiplicidade de discursos que, até então, tinham ocupado um papel muito marginal no campo de disputas pelo passado. [...] Todos podem ter voz na Internet. É neste momento que teve início o fenômeno dos *blogs*, que surgiram redes sociais como o Orkut e o Facebook, além de plataformas colaborativas como o Youtube e a Wikipédia (CARVALHO, 2008, p.171).

E, como apontado por Carvalho, dentre as plataformas colaborativas está o Youtube, objeto desse trabalho. Para fins de exemplo do potencial de influência e das diferentes narrativas circundantes em um mesmo ambiente, podemos observar o papel crucial que o Youtube teve na Reforma do Ensino Médio, pois foi alvo de divulgação oficial<sup>11</sup> do Governo por meio de *Youtubers*, vendendo-a como algo positivo para a educação nacional e os desenvolvimentos dos jovens. Quando, na realidade, sabemos do seu aspecto negativo.

O artigo “Netnografia da reforma curricular do ensino médio brasileiro” nos ajuda a compreender a disparidade que há entre as opiniões em caixas de comentários, mostrando que há críticas a reforma, mas que também há massivo apoio. Ao entrarmos em contato com a literatura da educação, sobretudo na área da História, vemos que a reforma é intitulada “contrareforma<sup>12</sup>” por retirar saberes fundamentais ao desenvolvimento humano ou os minimizar, para não formar um ser humano crítico e a par de sua realidade, mas sim um cidadão conformado e pronto para cumprir com seu dever de mão de obra no sistema capitalista.

11 Disponível em: MEC paga R\$ 295 mil para vídeos de youtubers sobre a reforma do ensino médio. G1, 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/mec-desloca-r-295-mil-para-propaganda-de-youtubers-sobre-a-reforma-do-ensino-medio.ghtml>. Acesso em 11 de jun. 2021.

12 Ver em FERRETTI, Celso João. “A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade em educação”. In: Estudos Avançados. 32 (93), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0025.pdf>

Ao que tange dados quantitativos, essa plataforma tem crescido constantemente, em 2006 possuía 20 milhões<sup>13</sup> de usuários mensais, já no ano de 2020 possui em torno de 2 bilhões de usuários ao redor do mundo, só no Brasil<sup>14</sup> são mais de 100 milhões de usuários. Em artigo<sup>15</sup>, o site Think With Google nos apresenta a informação de que 86% das crianças brasileiras estão conectadas a internet, 74% dos estudantes de Ensino Básico e Fundamental usam internet para fazer pesquisa de trabalhos escolares e 65% dos estudantes de Ensino Superior disseram assistir a vídeos na internet é a melhor forma de aprender algo ou rever o conteúdo das aulas.

Assim sendo, vemos a complexidade dos ambientes digitais, pois são fortemente influentes e utilizados, principalmente com assuntos que muitos têm em comum, o uso do Youtube como um recurso metodológico vai ao encontro da proposta da História Pública Digital, pois permite ao historiador explorar esses ambientes e a partir da interação, construir uma nova forma de se fazer a História em que o objetivo seja a democratização desse saber de forma crítica. Nesse sentido, devemos pensar na temática que será exibida.

## 2.2 Ensino de História e Música Popular

É possível pensar em diferentes metodologias para o ensino de história, mas o colocar em prática é “outra história”, é nesse sentido que vemos a música popular como fonte. Certamente, a música está no cotidiano, mas nem sempre é notável sua magnitude, ao ser conectada com a História, deve ser pensada e não somente ouvida. Principalmente, se a atrelarmos e a utilizarmos como tema de discussão dentro de uma plataforma digital que possibilita a interação entre os produtores e ouvintes.

Vemos de fato um avanço nessa discussão à medida que aparecem cada vez mais trabalhos com esse intuito, como os apresentados pelos autores Miriam Hermeto e Olavo

---

13 O site Backlinko traz em detalhes as informações relativas a uso do Youtube, nos ajudando a compreender melhor a potencialidade e expansão da plataforma ao redor do mundo. Ver em: HOW Many People Use YouTube in 2021 [New Data]. **Backlinko**, 2021. Disponível em: <https://backlinko.com/youtube-users>. Acesso em 14 de set. 2021.

14 Ver em: EMANUELE, Carla. Youtube supera os 100 milhões de usuários e se mantém entre as redes sociais mais populares do Brasil. **Jornal Boa Vista**. 15 de jul. 2021. 9h13. Geral. Disponível em: <https://jornalboavista.com.br/youtube-supera-os-100-milhoes-de-usuarios-e-se-mantem-entre-as-redes-sociais-mais-populares-do-brasil/>. Acesso em 14 de set. 2021.

15 Ver em: SAÚDE, segurança, educação e empregabilidade: o comportamento digital do brasileiro em relação às políticas públicas. **Think With Google**, março 2021. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/saude-seguranca-educacao-e-empregabilidade-o-comportamento-digital-do-brasileiro-em-relacao-as-politicas-publicas/>. Acesso em 14 de set. 2021.

Pereira Soares no dossiê “Música e ensino de história” em que listam discussões pertinentes nessa área com diferentes abordagens para nos mostrar a diversidade e a complexidade que há por traz da música como objeto histórico, também em obra<sup>16</sup> da mesma autora, é relatado por meio de um projeto realizado na UFMG que os professores da rede básica utilizam a canção como fonte, mas em sua maioria somente realizam análise da letra.

Dessa forma, devemos pensar qual a metodologia adequada para que essa fonte não perca seu sentido, vemos que o avanço do uso de diferentes fontes tem sido destaque na historiografia brasileira, podemos perceber como aponta Marcos Napolitano no texto “A história depois do papel”<sup>17</sup>, que estamos cada vez mais buscando para além dos documentos escritos e dessa forma, podemos ampliar nosso leque de análise dos diferentes contextos, mas que isso implica no estudo correto, ou seja, são problemáticas e estratégias diferentes e que merecem atenção para que as obras audiovisuais e sonoras não percam sentido.

Imediatamente, dialogamos com Napolitano, pois autor nos traz à tona como trabalhar com fonte sonora de forma que não perca seu sentido estético e seja contemplada por inteira, pela análise de letra, melodia, ritmo e arranjos da canção, porque senão estamos retirando a complexidade do objeto e o diminuindo a somente escrita.

O grande desafio de todo pesquisador em música popular é mapear as camadas de sentido embutidas numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história, evitando, ao mesmo tempo, as simplificações e mecanismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica (que possui vários sentidos) e complexa de qualquer documento de natureza estética (NAPOLITANO, 2005, p. 77-78).

Para além, ao mencionarmos análise, devemos citar a historiadora Circe Bittencourt, pois ao falar sobre o ensino de história e o uso de documentos nos traz uma proposta de análise muito pertinente: **Descrever** para indicar as informações que ele tem, **mobilizar** os saberes e conhecimentos prévios, para **explicar** associando a saberes anteriores, **situar** o contexto a seu autor, **identificar** a natureza do documento, para chegar a identificar os **limites** do documento, isto é, criticá-lo (BITTENCOURT, 2018, p.270, grifo nosso).

---

<sup>16</sup> Ver em HERMETO, Miriam. Brasis (em)cantados: Ensino de história e canção popular, territórios de uma história pública. **In: História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (organizador). São Paulo: Letra e Voz, 2016.

<sup>17</sup> Ver em NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. **In: Fontes históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2. Ed. 1º reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Logo, percebemos que há necessidade de realizar essa articulação para que o documento não esvazie de sentido e sua compreensão possa ser eficiente. Devemos de fato abranger tudo o que há na fonte, dialogando com ambas propostas podemos contribuir para o estudo da fonte sonora, pois focaremos na análise da letra e dos componentes sonoros da obra. Não devemos nos restringir e sim, com apoio nessas discussões propor um trabalho acessível em que a canção seja pensada, não somente ouvida. Tarefa que não é fácil, mas que com o auxílio da historiografia podemos avançar para um viés além dessa análise simplista e da dicotomia entre música erudita versus popular.

Ademais, o autor e compositor Aaron Copland em sua obra “Como ouvir e entender música” aponta que uma das coisas necessárias para se ouvir e entender música, é o ato de ouvir cada vez mais, atrelado aos poucos conhecimentos técnicos. Seguindo essa linha de raciocínio podemos dizer que a música no ensino de história, atrelado a uma lógica metodológica, será cada vez mais eficaz com a prática, ou seja, o ato de estudar letra com melodia, ritmo e harmonia. E, não necessariamente o historiador precisa ser etnomusicólogo ou tampouco músico, deve estar apenas aberto para ouvir e compreender os aspectos rítmicos e melódicos da canção para além da letra, ressaltando o caráter popular da música.

Ao nos referirmos a aspectos musicais, estamos dialogando com a escuta atenta das diferentes obras, pois no Campo Harmônico há uma lógica de construção melódica, ou seja, da forma como a canção é composta. Há notas e acordes que a sonoridade é voltada para a melancolia e outras que dão um toque mais alegre, não é necessário saber quais são as notas ali soadas, pois isso é função de ouvido absoluto<sup>18</sup>, coisa que nem todos possuem.

“Home (Rough Trade Records, 2010)<sup>19</sup>” do grupo Edward Sharpe & The Magnetic Zeros<sup>20</sup> e o cover (Tinpot Records, 2020)<sup>21</sup> dela gravado por Edith Whiskers<sup>22</sup>. Ambas canções possuem a mesma letra, mas as melodias são diferentes. Enquanto a música originalmente gravada por Alex Ebert e Jade Castrinos, em uma interlocução animada e espirituosa, muito comum do estilo Folk, nos remete a um lugar animado em que “Lar é qualquer lugar que eu

---

<sup>18</sup> Ouvido absoluto é o dom de ouvir e identificar as diferentes notas soadas, seja em um instrumento musical ou nos diferentes objetos e ambientes. Ver em: A prevalência do ouvido absoluto. **Pesquisa Fapesp**. Edição 252. Fev, 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-prevalencia-do-ouvido-absoluto/>. Acesso em 15 de jun. 2021.

<sup>19</sup> Home. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=DHEOF\\_rcND8](https://www.youtube.com/watch?v=DHEOF_rcND8). Acesso em 15 de jun. 2021.

<sup>20</sup> Para saber mais sobre o grupo, disponível em: <https://genius.com/artists/Edward-sharpe-and-the-magnetic-zeros>. Acesso em 15 de jun. 2021.

<sup>21</sup> Home. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sPV\\_t8YMW\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=sPV_t8YMW_k). Acesso em 15 de jun. 2021.

<sup>22</sup> CHALK, Will. How an imaginary gran got millions of Spotify Streams. **BBC**. 26 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/newsbeat-55008617>. Acesso em: 15 de jun. 2021.

estou com você” de forma calorosa e descontraída. Em contrapartida, o cover gravado por Tom Rosenthal sob o pseudônimo de Edith Whiskers, uma figura imaginária em desenho animado, nos apresenta uma releitura em que ele faz a voz masculina e feminina na canção e a melodia tocada no piano nos traz uma sensação melancólica, até no assobio, também presente na canção original, mas com entonações diferentes.

Para compreender aspectos como esse, é necessária uma escuta atenta, pois a partir da distinção dessas características, é possível analisar a letra e o contexto que rodeia as diferentes interpretações. Sendo assim, percebemos que há diferenças melódicas conforme a intenção do compositor, no exemplo acima citado, a original é espirituosa e o cover é melancólico, sem ter aprofundado conhecimento técnico no assunto.

Imediatamente, é imprescindível termos em mente que o uso de diferentes fontes, incluindo a sonora, auxiliam no processo de consciência histórica<sup>23</sup>, visto que a história do ensino de história nos mostra que por muito tempo era uma matéria vista com objetivo de memorização de fatos e datas. Ao incorporarmos gradualmente novas formas de ver o mundo e interpretar a realidade, vemos o aprimoramento didático dessa disciplina, influenciando diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Em síntese, no artigo “História e música: canção popular e conhecimento histórico” o autor, José Geraldo Vinci de Moraes nos apresenta um panorama de como é visto o estudo da música popular pelos historiadores, sendo muitas vezes utilizado somente para refletir acerca da vida do intérprete ou do modo de composição, no entanto, também apresenta as novas perspectivas de abordagem. A autora Célia Maria David nos traz dois exemplos de análise de canção para que ela não perca o sentido e possa fomentar ainda mais a consciência histórica, uma mais voltada para o documento e outra para a sala de aula como forma de interação com\entre os estudantes.

De fato, não há metodologia única ou a mais correta, podemos percorrer esse caminho de diversas formas, desde que a obra não perca seu sentido e o espectador consiga usufruir do que está sendo proposto da forma mais eficaz possível, por outras palavras, possa acrescentar

---

<sup>23</sup> No Dicionário de Ensino de História, Estevão de Rezende Martins define consciência histórica como o elemento que o indivíduo já possui, mas se aprimora no processo de ensino e aprendizagem por meio da identidade pessoal e da sua percepção de ação individual e em conjunto no tempo. Dessa forma, o induz a refletir sobre passado, presente e futuro, construindo pontes entre os tempos e se orientando para a vida prática, de modo que pergunte, experimente, interprete, oriente e motive. Ver em: MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência Histórica. In: **Dicionário de Ensino de História**. FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenação). Rio de Janeiro, FGV Editora, 2019.

no processo de consciência histórica. Sendo assim, vemos a relação que há entre o ensino de história e a música popular, sobretudo seus avanços e a possibilidade de uso como recurso didático.

### **2.3 A História Pública Digital como possibilidade para o Ensino de História da Música Popular**

Para compreendermos melhor o que é a História Pública Digital, foi realizada uma busca no Youtube no dia 14 de junho de 2021, escrito “panis et circense história” na barra de pesquisa e filtro “vídeo” selecionado para refinar os resultados, foram encontrados: 410 vídeos, entre eles, 350 não relacionados, distribuídos em vídeo aula, música, performance, cover e podcast. Os vídeos relacionados a busca totalizam 60 distribuídos em: música, vídeo aula, performance, atividade de escola, review, filme e podcast. Especifico ao procurado foram 18 vídeos ilustrando a história do movimento\álbum.

Entre eles, dá-se destaque a 3 vídeos que de forma ilustrativa podem nos ajudar a compreender o campo em discussão. O primeiro<sup>24</sup> é uma *review* do disco, do canal “The Cookie Collector” na série “The Cookie BR” de 2016, o vídeo é composto diretamente por duas pessoas: o apresentador e o diretor. Os dois conversam sobre o movimento, como se fosse em uma roda de bar, em que o apresentador está contando a história e os outros dando opiniões e fazendo comentários, muitas vezes cômicos. O interessante dessa produção é o contexto histórico dado, pois apresenta uma temática densa de forma descontraída e toca em pontos importantes, como explicar o porquê aconteceu a marcha contra a guitarra elétrica. A descrição diz ser algo produzido com o intuito de conversar sobre temáticas e realizar reviews de álbuns mesmo ambos criadores não sendo críticos musicais por quererem apenas trocar informações sobre os assuntos.

Nesse sentido, vemos a forte atuação da História Pública Digital, pois percebemos um álbum fundamental na história da música brasileira sendo revisitado por duas pessoas sem conhecimento técnico, mas que produzem conteúdo com base em pesquisa e compartilha essa informação de forma gratuita. Sobre isso, vemos a História sendo feita *pele* público, em outras

---

<sup>24</sup> Tropicália ALBUM REVIEW. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=x21hMwDy\\_0Y](https://www.youtube.com/watch?v=x21hMwDy_0Y). Acesso em 16 de jun. 2021.



palavras, por pessoas que se empenharam a conhecer determinado assunto e o compartilhar com outros para a ampliação dessa rede de conhecimento.

Dando continuidade, outro vídeo<sup>25</sup> é referente ao canal “Musicália”, em que faz uma análise da letra da música “Panis et Circense”, aqui não está citado, mas antes, há um vídeo sobre o movimento da Tropicália, para contextualizar antes de abordar a letra. Nesse sentido, a análise em conjunto é pertinente, mas somente o vídeo em questão carece de informações por apenas fazer analogias com a letra da música, desconsiderando os aspectos melódicos, tão caros para a compreensão dessa canção.

Imediatamente, vemos uma das grandes preocupações da História Pública Digital, por se tratar de um campo relativamente novo, a falta de metodologia para o uso dessa rede, seja para compartilhamento ou para uso em sala de aula. Sobre isso:

Ao pensarmos nas possibilidades didáticas da história digital e da história pública, especificamente para o Ensino de História, é preciso considerar a internet como algo mais do que um grande arquivo, constituído por fontes documentais e dados até então praticamente inacessíveis ou mesmo desconhecidos. É fundamental ponderar sobre procedimentos para o estudante quanto para o professor (FERREIRA; HERMETO, 2021, p. 18-19).

Em contrapartida, tem o vídeo<sup>26</sup> do canal “Historiar-se”, dessa vez, conteúdo produzido por um professor de História e Mestre em Educação, em que traz sugestões de canções para serem trabalhadas em sala de aula, uma delas é a Panis et Circense. Esse último vídeo em questão traz um comentário pertinente sobre a importância de se trabalhar a letra em conjunto com os outros aspectos que formam a canção, sendo assim, vemos um apontamento sobre o que discutimos acerca da canção como recurso didático.

Imediatamente, fica evidente a complexidade da História Pública Digital, pois temos a inclusão de pessoas especializadas e não especializadas comentando assuntos em comum com diferentes abordagens. De fato, o historiador precisa se apropriar desse meio para também construir conhecimento, mas como aponta Michael Frisch<sup>27</sup>, esse campo de conhecimento não

---

<sup>25</sup> Analisando a letra – Panis Et Circensis – Os Mutantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n3bNr4Z8kaU>. Acesso em 16 jun. 2021.

<sup>26</sup> 8 MÚSICAS PARA AULA DE HISTÓRIA - Historiar-se. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iWfeuKbVv64>. Acesso em 16 de jun. 2021.

<sup>27</sup> Ver em FRISCH, Michael. A História Pública não é uma via de mão única ou de *A Shared Authority* à cozinha digital, e vice-versa. In: **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

pode se limitar a dicotomia entre profissional (nós) e público (eles). O campo deve estar aberto para diálogo e construção do conhecimento histórico.

Por exemplo, o vídeo do canal “Musicália” apresenta abertura para diálogo, o apresentador pede para que se as pessoas possuem outra interpretação ou queiram acrescentar, deixem seus comentários. Ao analisar a publicação, vemos diversos comentários apontando mais ou diferentes interpretações para a canção, construindo assim um rico acervo sobre a música em pauta.

Logo, o que estava restrito a arquivos, museus ou colecionadores, agora está amplamente divulgado na internet 2.0, possibilitando novas formas de se pensar e fazer História. O historiador\professor não precisa mais do fonograma em mãos para escutar e explorar o que está naquela fonte, agora é possível pela busca nas diferentes plataformas encontrar ricos acervos digitalizados e por meio do Youtube ou redes *streaming*, ouvir a fonte sonora e encontrar relatos sobre ela. Bem como, as pessoas não especializadas também podem ter acesso aos mesmos materiais, desde que haja o interesse e seja feita a busca. O historiador, Pedro Telles da Silveira ao falar sobre o campo da história digital, aponta:

Pretendo apenas recordar que a introdução das novas tecnologias e a criação de um campo, por mais multiforme e indefinido que seja, como o da história digital, é concomitante a uma transformação já em curso na natureza do trabalho intelectual e da principal instituição que o apoia, a universidade. O debate em torno às humanidades digitais, próximo à história digital, reconhece esse aspecto, assim como percebe a semelhança entre seus valores e práticas e aquelas da computação como meio de realizar uma melhor barganha num contexto de forte ataque às humanidades (SILVEIRA, 2018, p.17).

Os autores Anita Lucchesi e Bruno Leal Pastor de Carvalho definem: “Entendemos História Digital aqui como uma arena aberta de debates e experimentações que envolvem a aplicação das tecnologias digitais às diversas práticas da história.” (2016, p. 153). Sendo assim, vemos que é um campo em constante debate e que devemos estar abertos ao seu uso. Ambos também assinalam que: “No plano de ensino, plataformas de educação a distância, quadros interativos e aplicativos educacionais estão produzindo novas formas de se conceber o processo de ensino-aprendizagem.” (2016, p.153).

É com essa base que devemos utilizar do Youtube para o ensino de história e a música popular, pois com a pandemia referente a disseminação da Covid-19, que fez urgir a necessidade de quarentena em março de 2020, suspendendo atividades presenciais nas escolas

e tornando o ensino remoto o “novo normal”, vemos um crescente uso dessa plataforma para fins educativos, como é o caso dos canais LAPEH, LAHISD e LAPAMI da Universidade Federal de Uberlândia, que utilizaram desse recurso para apresentar *lives* com palestrantes para debater assuntos referentes ao curso de História. Agora que já vemos o uso metodológico da canção, a História Pública Digital e o Ensino, podemos focar na análise do objeto que será introduzido ao Youtube, ou seja, a investigação do movimento da tropicália visando seu uso didático.

### **3 EXPLORANDO: TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENSE COMO TEMÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Ao analisar historicamente o movimento da Tropicália, devemos ter cautela e senso crítico na organização das informações, pois trata-se de um período caro a História Brasileira. Musicalmente feliz, devido a explosão<sup>28</sup> tropicalista que revolucionou a indústria musical do país, mas socialmente ferido, devido a Ditadura Civil-Militar. Sob esse contexto, os artistas tinham dificuldades em compor e expor seus ideais, pois havia censura e perseguição (Fico, 2009). Nesse momento, estamos dando abertura ao tema que será tratado no objeto, ou seja, dentro do Youtube. Sendo assim, devemos explorar a importância da temática e perscrutar no roteiro<sup>29</sup>.

#### **3.1 Entrelaces: O contexto, as artes e o movimento**

No ano de 1964, foi instaurado o regime militar no Brasil, que mudou os rumos de sua história e foi presente até o ano de 1985 quando se iniciou a redemocratização. Nesse período, a moral e os bons costumes<sup>30</sup> eram o lema, sendo assim, o que se distanciava do que era visto como cidadão de bem, não podia conviver socialmente de forma livre, como também o mundo artístico, pois haviam órgãos responsáveis pela apreensão e captura de artistas e obras que criticassem o governo (Fico, 2009).

Seguindo essa linha, o contexto do país na década de 1960, era de luta pela liberdade de expressão, muitas foram as resistências que ecoavam pelos diferentes movimentos sociais, eclodindo e ganhando força ao final dessa época, como o Movimento Negro, das Mulheres, LGBT e assim por diante. Esses grupos lutavam pelas liberdades individuais e coletivas, como era o caso do Centro Popular de Cultura (CPC) (1961-1964) desenvolvido por um grupo de

---

<sup>28</sup> Devemos pontuar nesse trabalho que o movimento tropicalista pode ser analisado por diferentes vertentes, o autor Rafael Marino faz lineamento bibliográfico sobre a temática e explicita o leque de discussões sobre o tema, apontando que há críticas mais fervorosas, mas há também apontamentos mais positivos. Seguindo a linha de raciocínio de autores como Ridente e Favaretto, podemos compreender a tropicália como um movimento que de fato, buscou mostrar a amplitude cultural do país, valorizando seus aspectos, ao mesmo tempo que visava a modernização.

<sup>29</sup> Em anexo.

<sup>30</sup> O autor Renan Quinalha, em seu trabalho “Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)”, apresenta grande gama de fontes que explicitam o caráter repressivo na ditadura, apresentando análise e apontando para a censura imposta nas artes, comunicações e diversões, principalmente na sexualidade dos indivíduos. Essa obra nos ajuda compreender o caráter moral imposto na sociedade.

intelectuais da esquerda que estavam associados a União Nacional dos Estudantes (UNE). O CPC tinha como objetivo desenvolver arte popular e que se aproximasse da classe trabalhadora, visando conduzir as massas para a conscientização dos acontecimentos de sua época dentro das estruturas políticas, culturais e econômicas da sociedade brasileira, para por fim, levar a emancipação das classes populares. (RIDENTI, 2007).

O movimento estudantil também foi responsável por uma intensa agitação cultural no país. No começo dos anos 1960, a UNE reforçou sua ação nesse campo, com a criação do **Centro Popular de Cultura (CPC)** e da **UNE**, ambos com o objetivo de promover a conscientização popular através da cultura, mostrar a situação de exploração do povo brasileiro e chamar a atenção para a necessidade de sua transformação, por meio de poesia, música, teatro. (Memórias da Ditadura, [s.d], grifo deles).

Dessa forma, esses grupos de jovens intelectuais compreendiam que para romper com a alienação das massas era necessário utilizar de apresentações culturais e artísticas como forma de mobilizar a população através de um forte teor crítico, infelizmente, sua ruptura ocorreu com o Golpe de 64<sup>31</sup>, pois esses centros de cultura não possuíam boa imagem perante o regime, por conterem pautas populares<sup>32</sup>. É nessa década<sup>33</sup>, que vemos as artes brasileiras ecoarem divergências em meio ao regime militar brasileiro.

Com a eclosão da Bossa Nova nos anos 1950, vemos um estilo musical brasileiro que se tornou reconhecido internacionalmente pela sonoridade do violão e do ritmo, altamente influenciado pelo Jazz, sendo identificado como música brasileira e trazendo personalidade artística. No entanto, mesmo trazendo nacionalidade, foi alvo de críticas anos mais tarde, pois em meio ao caos ditatorial, não era um estilo que visava conscientizar as pessoas da situação, sendo até mesmo, elitizado devido a classe que o consumia.

Fora as críticas a Bossa Nova, havia também o embate entre a música engajada e a Jovem Guarda. De um lado, um estilo que visava trabalhar os problemas sociais e expor o que passava a população, do outro, uma arte descontraída, conhecida como turma do “iê-iê-iê”, que trazia elementos como a guitarra elétrica, sendo altamente criticada por ser vista como

---

<sup>31</sup> O site “Memórias da Ditadura” oferece amplo acervo para compreendermos melhor o que foi esse período. Em texto intitulado “Repressão”, podemos observar que o regime passou por diferentes fases, tendo como tripé: censura, vigilância e repressão.

<sup>32</sup> O Regime ditatorial no país, utilizou de base argumentativa para viabilizar suas estruturas, a luta anticomunista. Sendo assim, pautas com teor popular, visando o proletariado, não eram aceitas.

<sup>33</sup> É importante ressaltar que o CPC pode não haver ligação direta com o movimento tropicalista, mas é fundamental para compreendermos o período da época, pois é de grande manifestação estudantil, sendo essa, a classe que mais consumia arte e que, inclusive, participava dos Festivais de Música Popular Brasileira.

estrangeirismo<sup>34</sup> dentro da cultura que deveria ser genuinamente brasileira, despreocupados com os problemas sociais.

Sem dúvidas, o acesso a televisão foi fator essencial para a explosão desses conflitos. Um dos exemplos que reforçam o caos vivenciado nessas décadas, são os festivais de Música Popular Brasileira, palco das divergências musicais, pois havia o embate entre o nacional e o popular.

O clima de competição estético-ideológica era previsível, mas havia uma grande dificuldade de delimitar fronteiras. Enquanto os cantores da Jovem Guarda se inscreviam para defender canções que se enquadravam no paradigma da MPB, compositores novos, mas já respeitados, oriundos desta corrente (como Caetano e Gil), absorviam elementos do campo adversário. Para muitos críticos, o “som universal” nada mais era do que uma “frente ampla” do Iêiêiê”, que provocaria reações da linha-dura da MPB nacionalista. O vocabulário emprestado da conjuntura política da época não era mero capricho da imprensa, mas se adequava ao clima de disputa ideológica que revestiam o universo musical (NAPOLITANO, 2010. p.162).

Os festivais foram fundamentais para a junção dos tropicalistas que fariam acontecer um dos fonogramas mais emblemáticos da história musical brasileira. Em 1967, na TV Record, o Brasil vê acontecer uma disputa musical acirrada para nomeação de melhor canção. Em sua quarta edição, o Festival de Música Popular Brasileira, popularizou artistas e auxiliou na consagração da MPB, bem como, promoveu os conflitos artísticos.

Naquele tempo, a TV Record exigia que apresentadores e artistas usassem trajes de gala – em geral *smoking* – o que daria um aspecto mais austero aos certames e certamente contrastava com a alegria exacerbada presente nos festivais, especialmente da plateia, que se dividia em torcidas, se manifestando através de aplausos ou de estridentes vaias, elegendo ou reprovando os artistas, de acordo com seus gostos musicais ou, ainda mais, preferências políticas. Vale destacar que o público dos festivais era um personagem a parte, uma juventude de classe média, universitária, politizada, que estava em sintonia com os acontecimentos políticos do país, vivendo sob um regime militar vigente (Musica Brasiliis, 2017).

Foi nesse mesmo festival (1967) que Caetano Veloso apresentou “Alegria, Alegria” e Gilberto Gil “Domingo no parque”, trazendo aspectos brasileiros e também estrangeiros, como a participação do grupo Beach Boys na performance de Veloso, e Os Mutantes na de Gil, ambos grupos com guitarras elétricas, que eram reprovadas por uma parte mais tradicional da canção

---

<sup>34</sup> Ver em: RIDENTI, Marcelo. Cultura e Política: os anos 1960-1970 e sua herança. **In: Brasil Republicano (vol.4): O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século xx.** Org. Jorge ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. – 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

brasileira. Vemos aqui um acontecimento divisor de águas na música, pois a partir daí, veríamos uma junção musical que traria ao país um novo conceito de música e arte.

Ao abordamos o movimento tropicalista, devemos pensar em suas diferentes facetas, pois trata-se de diferentes artes, como por exemplo, a proposta por Hélio Oiticica nas artes plásticas que inspiram o fonograma *Tropicália* ou *Panis et Circense*. Ou, o Cinema Novo com o filme “*Terra em transe*” de Glauber Rocha, que fortemente sensibilizou Caetano Veloso, bem como, a peça *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, escrita em 1933, exposta no Teatro oficina e montada pelo grupo *Zé Celso* em 1967. Essas obras foram inspirações fundamentais para a elaboração artística do fonograma.

O que tem em comum essas obras com a perspectiva tropicalista, é a junção de aspectos de vanguarda, com o modernismo e principalmente, com a capacidade de chocar as pessoas, as deixarem desconfortáveis e fazer com que enxerguem o que está a volta.

Em nossa perspectiva, o Tropicalismo (ao menos o Tropicalismo musical) foi mais do que o reflexo de uma crise específica do intelectual engajado ou de uma vontade de modernização cultural por si mesma. O movimento foi também o polo ativo de uma nova inserção de artistas e intelectuais na sociedade, passagem de uma cultura política de matriz romântica (o nacional-popular) para uma cultura de consumo, que acompanhou o quadro geral do novo estágio de desenvolvimento capitalista do Brasil, alcançado na segunda metade dos anos 60. Este lado ativo do Tropicalismo não só agredia, mas procurava reordenar os materiais e as técnicas de criação cultural disponíveis, dentro das estruturas de mercado. Ao contrário de outras áreas da cultura (e, sobretudo, da vanguarda) que rejeitavam o gosto médio, o Tropicalismo acabou por assumi-lo como parte dos seus procedimentos criativos básicos (NAPOLITANO, 2010, p.187).

Sendo assim, vemos que era um movimento que visava juntar as características mais brasileiras, com aspectos do exterior, como foi o caso da guitarra elétrica e dos efeitos de produção sonora elaborados por Rogério Duprat. Antes mesmo da mistura do grupo, os artistas já manifestavam suas artes que representavam suas ideologias políticas. Vale ressaltar, que em forma de protesto, ocorreu em 1967 a *Marcha Contra a Guitarra Elétrica*, que inclusive teve participação de Gilberto Gil, um dos fundadores da *tropicália*. Essa passeata teve como intuito manifestar contra a dominação imperialista no Brasil no meio das artes, visto que os Estados Unidos da América foi um dos financiadores do regime que estava em vigor no país.

No ano de 1968, além do lançamento do fonograma “Tropicália ou panis et Circense”, ocorreu um dos atos institucionais que mais traumatizariam<sup>35</sup> o país. Os artistas já sofriam com a auto censura para evitar conflitos e driblar o regime. No entanto, com o AI-5, a censura e repressão tornou-se oficial e legalizada, resultando no fim do movimento tropicalista e em 1969 no exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil (FICO, 2009), (PEZZONIA, 2019).

### 3.2 Tudo junto e misturado: o disco manifesto

O fonograma *Tropicália ou Panis et Cricense* foi lançado em 1968 pela gravadora Philips Records, o *long-play* contou com a colaboração de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé, Nara Leão, os compositores Torquato Neto, José Carlos Campinam e o maestro Rogério Duprat responsável pelos arranjos. O disco-manifesto do tropicalismo é considerado a expressão musical deste movimento.

Composto por 12 canções: *Misere Nobis* (03:42), *Coração Materno* (04:15), *Panis et Circense* (03:33), *Lindonéia* (03:33), *Parque Industrial* (03:16), *Geléia Geral* (03:42), *Baby* (03:31), *Três Caravelas (las três carabelas)* (03:06), *Enquanto seu lobo não vem* (02:31), *Mamãe coragem* (02:29), *Batmakumba* (02:33), *Hino do Senhor do Bonfim* (03:38). O álbum mistura diversos gêneros musicais, experimentando arranjos e composições que consolidam a sonoridade tropicalista. Os artistas buscaram trazer brasilidade em uma mistura que representava o Brasil da época.

Suma tropicalista, este disco integra e atualiza o projeto estético e o exercício de linguagem tropicalistas. Os diversos procedimentos e efeitos da mistura aí compõem – carnavalização, festa, alegoria do Brasil, crítica da musicalidade brasileira, crítica social, cafonice -, compondo um ritual de devoração (FAVARETTO, 2021, p.78).

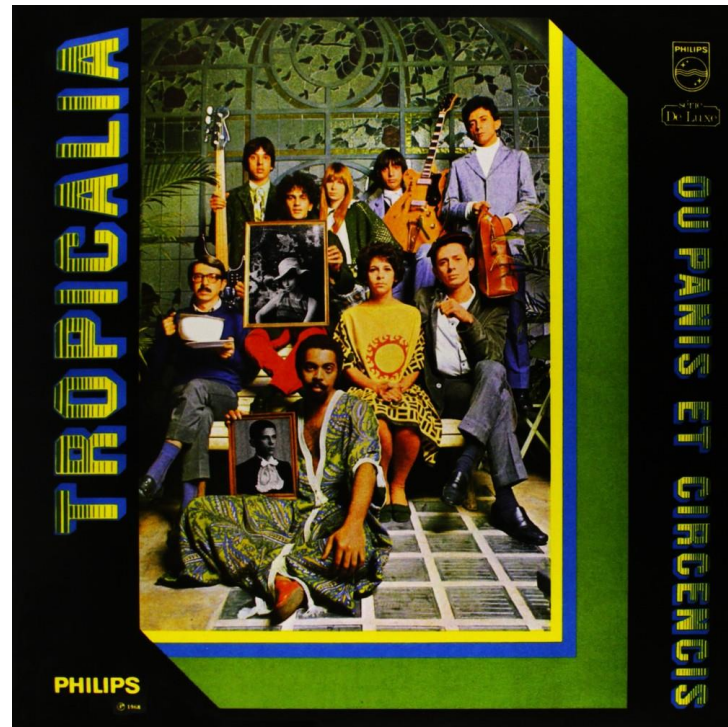
Podemos observar que o manifesto também está presente na capa<sup>36</sup>, pois ilustra de forma eficaz os ideais que os artistas priorizam dentro do movimento:

<sup>35</sup> O acervo “Memórias da Ditadura” traz texto em que apresenta a necessidade de reparação psíquica ante os traumas que um regime ditatorial causa. Inclusive, apontam que contemporaneamente, após muita luta, há política pública através do projeto Clínica do Testemunho da Comissão de Anistia.

<sup>36</sup> Em artigo, o jornal Nexo, apresenta pesquisa realizada na PUC – RJ sobre a importância das capas para os discos. Em suma, são fundamentais, pois de forma visual sintetizam ou complementam a ideia artística presente na obra sonora.



**Imagem 1** - Capa do álbum “Tropicália ou Panis Et Circensis”



As cores verdes e amarelas, representam a bandeira do Brasil, dando destaque as outras cores presentes e ressaltando o caráter brasileiro, mas satirizando dado o conteúdo da fotografia tirada por Oliver Perroy. O autor Celso Favaretto faz análise que nos ajuda compreender a magnitude e complexidade:

Veja-se a capa: ela compõe a alegoria do Brasil que as músicas apresentarão fragmentariamente. Na primeira face sobressai a foto do grupo, à maneira dos retratos partriacais; cada integrante representa um tipo: Gal e Torquato formam o casal racatado; Nara, em retrato, é a moça brejeira; Tom Zé é o nordestino, com sua mala de couro; Gil, sentado, segurando o retrato de formatura de Capinam, vestido com toga de cores tropicais, está à frente de todos, ostensivo; Caetano, cabelo despontando, olha atrevido; os Mutantes, muito jovens, empunham guitarras, e Rogério Duprat, com a chávena-urinol, significa Duchamp. As poses são convencionais, assim como o décor: jardim interno de casa burguesa, com vitral ao fundo, vasos, plantas tropicais e banco de pracinha interioriana. [...] Na capa, representa-se o Brasil arcaico e o provinciano; emoldurados pelo antigo, os tropicalistas representam a representação. [...] Assim, a capa é metalinguagem do dusco: alegoriza os materiais devorados e as técnicas de devoração, apresentando os elementos da mistura e o modo de misturá-los (FAVARETTO, 2021 pp. 79-83).

Sendo assim, observamos um fonograma que rompe com a estética do nacional-popular e integra na indústria brasileira um conceito artístico novo que impacta e influencia gerações

até os dias atuais, por explorar linguagens musicais e textuais pouco utilizadas e até mesmo vistas de forma negativa, conotando o conservadorismo presente nos artistas, uma vez que não aceitavam mudanças na música popular brasileira.

Agora, faremos análise da canção “Panis et Circense”, pois acreditamos que ela sintetiza a proposta do movimento, trazendo na letra e nas melodias, o conceito tropicalista.

### 3.3 Panis et Circense: análise da letra

Nessa gravação, a letra é escrita por Caetano Veloso<sup>37</sup> e Gilberto Gil<sup>38</sup>, mas interpretada pelo grupo musical Os Mutantes formado pela cantora e compositora, Rita Lee<sup>39</sup> e pelos irmãos compositores e instrumentistas, Arnaldo Dias Baptista e Sergio Dias Baptista, com arranjos de Rogério Duprat, tendo como característica o rock psicodélico. A canção é inteiramente cantada por Rita Lee, com coros de Arnaldo e Sérgio, intensificando ao final da canção como se ironizassem as pessoas na sala de estar. Ao todo, com as vozes e timbres dos metais, flauta doce, percussão, bateria, baixo e guitarra, a canção ganha força e se destaca com os arranjos apresentando uma construção impecável da estética proposta pelo grupo com o ideal de romper com a tradicional música popular brasileira baseada no violão e voz.

É importante ressaltarmos que o termo *Panis et Circencis* vem do latim e significa “Pão e Circo”, sendo a política criada durante o Império Romano com o intuito de alimentar as pessoas e as divertir com espetáculos nas arenas para que os líderes pudessem governar conforme seus interesses próprios sem que a população se revoltasse. Com essa referência, a música faz uma crítica as famílias da classe média que estão preocupadas apenas com suas vidas particulares, impedindo o progresso da juventude que anseia mudar as coisas: “Eu quis cantar minha canção iluminada de sol\Mandei fazer de puro aço luminoso um punhal para matar

---

<sup>37</sup> Caetano Emanuel Viana Teles Veloso, nascido no ano 1972 é músico, compositor e escritor brasileiro. Sua carreira tem início interpretando canções da Bossa Nova, sendo muito influenciado por João Gilberto que era considerado um dos grandes nomes do gênero musical. Mesmo sendo inspirado pela MPB (Música Popular Brasileira), o que fez alavancar sua carreira foi o movimento da Tropicália que misturava o rock, bossa nova, MPB, samba, psicodelia que seria associado ao movimento hippie e ao ativismo político e social.

<sup>38</sup> Gilberto Passos Gil Moreira nascido em Salvador no ano de 1942 é cantor, compositor, multi-instrumentista e esteve na política como Ministro da Cultura Brasileira entre os anos de 2003 a 2008. Ele se formou em administração de empresas pela Universidade Federal da Bahia em 1964, entretanto seu interesse pela música e a arte o motivou a participar de eventos na Universidade e a estudar música erudita contemporânea. No início da carreira, assim como Caetano Veloso, foi influenciado pela Bossa Nova, posteriormente com o movimento da Tropicália acabou incluindo o rock ao cenário musical brasileiro.

<sup>39</sup> É interessante comentarmos que a cantora e compositora, aponta em sua autobiografia que a música foi incrivelmente composta em 15 minutos.

o meu amor e matei\mandei plantar folhas de sonhos no jardim do solar”. Vemos que a emissora canta com desprezo para as “pessoas na sala de jantar”, como se estivessem incomodando e impedindo com que ela fizesse o que deseja.

Ao decorrer da letra é possível perceber que o eu-lírico passa a fazer coisas absurdas na intenção de chocar, como “soltar os tigres e os leões nos quintais” para chamar a atenção da sociedade para o cenário político e social do país, mas as pessoas que estão na sala de jantar parecem ignorar tudo ao seu redor e aceitar a política de “pão e circo” proposta pelo Estado, fechando-se para o mundo como se tudo o que importasse de fato estivesse naquele círculo social. Ao final da canção, é possível perceber que encerra com ruídos na mesa e copos quebrando. Para Napolitano (2010), é uma representação apocalíptica do mundo privado burguês.

É reforçado ainda mais na construção da letra pelas figuras de linguagens utilizadas, como: antítese, na frase “São ocupadas em **nascer e morrer**” para dar sentido ao ato da classe média conformada em apenas viver para nascer e morrer. Anáfora, em “**pessoas na sala de jantar**” para dar ênfase ao papel desses indivíduos. E por fim, metáforas, como no início da canção “**eu quis cantar minha canção iluminada de sol**” que pode ser interpretado como uma referência as canções do movimento da Tropicália, ou “**pessoas na sala de jantar**”, referenciando a classe média brasileira e a elite intelectualizada.

Sendo assim, observamos que nessa canção há grande complexidade, pois além da crítica a classe média na letra, os códigos internos de funcionamento da canção são muito ricos, como as linhas melódicas de flauta doce, o tempo da canção marcado pelo pandeiro, os metais e guitarras, dando um tom de psicodelia a música. Diferente das duas primeiras gravações presentes no fonograma, a terceira se destaca pela diferenciação sonora pelo arranjo entre melodia, harmonia e ritmo, não sendo padronizado, mas havendo diferenciações, como na passagem dos trechos (1’32”, 1’55”, 2’30”) em que há constante variação rítmica. Como aponta o autor:

Esta é a faixa que incorpora mais elementos da música contemporânea, na seguinte sequência: a) música eletroacústica (a música perde rotação repentinamente, como se o pick-up do toca-discos parasse de girar); b) música incidental (com a rotação retomada, ouve-se um tema à base de guitarras e teclados, com timbres de música indiana, incorporada a partir dos Beatles); c) Citação/colagem: interrompida a música incidental ouvimos, ao fundo, uma gravação de Danúbio Azul, com orquestra; d) música concreta (ao som de um ritual de jantar, com os convivas conversando entre si, ouvia-se vidros sendo quebrados, como se as pessoas estivessem atirando copos umas nas outras) (NAPOLITANO, 2010, p. 209-210).

E também:

A instrumentação da música é feita por teclado Hammond, bateria, guitarra, baixo, trompete, flauta e pandeiro e principalmente com a abertura de vozes do trio paulista. O arranjo oscila entre a rebeldia do rock e a linha de virtuosismo no trompete. No meio da canção acontece um *happening* sonoro, característica do arranjador Rogério Duprat em suas colaborações com os tropicalistas, na qual é simulado com sons uma mesa de jantar com pessoas conversando e barulhos de talheres, enfatizando a construção de uma paisagem sonora (Enciclopédia Itaú Cultural, 2019).

Nesse sentido, é abordado a complexidade da música por efeito dos arranjos de Rogério Duprat que destacam a construção sonora. No primeiro verso, a gravação é eletroacústica ao som de violão, teclado sustentando a harmonia e pandeiro meia lua marcando o tempo. Em seguida, entra a linha de metal com trompete e gradualmente o compasso da música acelera e há a linha melódica de flauta doce, até o momento do refrão. No entanto, aos 2'0" após o pick-up do disco o ritmo da música acelera e é notável as linhas de contrabaixo e guitarra, junto com os metais, percussão e bateria, até o momento final da canção que passa a impressão de “limite” devido a frenética pronuncia das “pessoas na sala de jantar”, finalizando com o som de pratos, copos e conversas, como se mesmo com todo esse manifesto as pessoas ainda estivessem pouco preocupadas.

É interessante citar que essa canção tem proximidade de outras músicas e estilos fora do Brasil, nos mostrando que há ligação com o mercado musical da época, como da música *All Along the Watchtower* de autoria de Jimi Hendrix, lançada no ano de 1968. A canção, possui presença de violão eletroacústico, guitarra e tempo marcado pelo pandeiro meia lua, acrescentando ao fonograma a psicodelia. Efetivamente é interessante ressaltar o caráter de ruptura de *Panis et Circense*, pois é a primeira do fonograma a apresentar tais características com tanta presença.

Portanto, a canção em pauta, apresenta a melodia sustentando o ideal do movimento e da letra em questão, pois somente a poética não seria o suficiente para a compreensão, é de extrema importância os arranjos de Rogério Duprat visto que “colorem” a gravação para o intuito chave do movimento.

Diferentemente das canções da época, não há no tropicalismo uma demarcação entre músicas líricas (que seriam caracterizadas pelo intimismo, como na Bossa Nova) e músicas épicas (significadas pelo engajamento, como na música de protesto). Mesclam-se nele as duas orientações, resultando daí a especificidade crítica das canções, em que não há violência nem agressão

contra o ouvinte. Assim, na música tropicalista, o prazer é crítico (FAVARETTO, 2021, p. 84).

Como também:

A poética rebuscada de Caetano, à base de frases longas e imagens fragmentadas, era construída sobre melodias simples e assimiláveis facilmente. Se as letras traziam a marca do choque e da ruptura com a tradição narrativa da MPB, as melodias mantinham o elo com a audiência e padrões de escuta populares, confirmado pela levada *pop* de Iêiêiê que predomina, sobretudo nos timbres e andamento das canções. (NAPOLITANO, 2010, p.200).

Desde o “break” na canção por meio da interrupção da vitrola até o final com os sons na sala de jantar, a construção da obra remete aos Tropicalistas chamando a atenção da classe média para o que estava acontecendo e para a necessidade de mudança, demonstrando o seu manifesto: a ruptura com a tradicional música brasileira e o pick-up para a nova. Ou seja, acompanhar a modernização que estava a ocorrer no mundo todo, sem perder o que há de melhor na cultura brasileira.

## **4 A WEBSÉRIE “A CANÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA”: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

### **4.1 Construção do roteiro**

Nesse momento, devemos falar sobre o principal para a produção de vídeos, pois é crucial um roteiro bem elaborado para que os vídeos saiam como pensado. De fato, é o momento de concentração e pensar detalhes do que será colocado em prática, é um manual de instruções para as próximas etapas. No caso da websérie, o roteiro inicia-se com informações técnicas: Objetivo; Tempo estipulado; Materiais utilizados; Direção e edição; Recursos utilizados; Posição da câmera; posição do apresentador; Cenário; Figurino; Marca d'água; Introdução; Desenvolvimento; Final; Roteiro de fala base. Respondendo a tais tópicos, é possível desenvolver com mais clareza e alcançar o objetivo final.

É importante desenvolver a escrita atrelada ao momento de edição, ou seja, pensar como será estruturada e quais itens serão destacados em tela, efeitos e assim por diante. Como por exemplo, no roteiro há “[corte - 5 seg]”, isso é para dar tempo entre uma fala e outra, para realizar o corte com maior precisão e não evitar que os cortes sejam em cima da fala. Então, além de servir para respirar entre um tópico e outro, também é para conseguir realizar cortes com maior eficiência e dinamismo.

Na organização do roteiro é fundamental pensar passo a passo do que será colocado, sendo assim, podemos observar pela organização, que além de orientar os cortes, também é importante para pensar o que será colocado naquele momento. Por exemplo, as imagens. É importante que todas sejam anexadas ao roteiro e de preferência destacadas em qual momento serão colocadas em tela no processo de edição, pois assim, é possível pensar onde serão inseridas no cenário e quanto tempo ficarão expostas.

Por exemplo, todas utilizadas nos dois episódios foram para ilustrar o que estava sendo falado. Podemos observar que utilizamos cerca de 18 imagens, cada uma com o objetivo de ilustrar uma fala diferente. O primeiro episódio no momento de elaboração, foi escolhido não as utilizar, pois a temática seria bem desenvolvida pela fala, gestos corporais (por exemplo, o uso do braço para exemplificar a diferença entre nota e acorde) e textos de auxílio na tela.

Em contrapartida, o segundo episódio vai contextualizar o movimento e falar de um momento específico na História do Brasil, citando artistas e artes que sem o apoio visual no vídeo, seria um material pouco didático, como a utilizada da obra “Tropicália” de Hélio Oiticica

(1937-1980), o apoio visual é fundamental para melhor compreensão. Exatamente por isso, que foram escolhidas imagens como a da Marcha Contra a Guitarra Elétrica, de João Gilberto e Tom Jobim, no programado segundo corte<sup>40</sup>, pois estaria explicando sobre os músicos mais tradicionais<sup>41</sup> e assim, sucessivamente.

Bem como, os textos que são colocados, pois ao escrever o roteiro de fala base, é possível perceber o que será preciso auxílio para melhor compreensão, como foram os casos de “150 batidas por minuto” e “Consciência Histórica”. Logo, aferimos que o roteiro é para além, a organização principal para a elaboração de vídeos para o Youtube. Após a decisão do que será debatido, o próximo passo é o elaborar, atrelado com a pesquisa e leitura para que as falas sejam fundamentadas e bem apresentadas.

De fato, escolher como serão organizadas cada temática, é um passo complexo, pois deve-se estar alinhado para chegar a um resultado final que seja agradável, ou seja, para elaborarmos o roteiro, já devemos ter em mente sobre o que vamos falar, a partir daí, construímos os detalhes amparados em pesquisas e na imaginação de quem estiver produzindo. São muitas as possibilidades de textos, imagens, temas, fontes, músicas e afins para se produzir um vídeo, o que irá ajudar a delimitar, é o gosto particular e a possível familiariedade com a temática, como foi o caso dessa websérie.

Podemos observar também o aspecto estético, desde cores, planos de fundo, figurinos e afins. Características como essas também são definidas no roteiro. Para a websérie, optamos por cores vivas que remetem ao tropical, por excessão do segundo episódio que foi utilizada uma camisa preta e branca, pois dado o contexto que seria explicitado, é importante ter essa diferenciação. Ao que tangem os textos de apoio, a fonte utilizada (Eras Bold ITC 60) teve sua coloração em laranja para poder diferenciar e destacar de outros aspectos da imagem, caso utilizássemos cor branca ou preta, correria o risco de não ser visível, dado isso, é necessário utilizar cores que façam contraste ao ambiente.

Dessa forma, vamos observando detalhes que podem passar despercebidos, mas são fundamentais para a elaboração de vídeos e aspectos como esses devem ser pensados no roteiro, identificados e localizados para que as próximas etapas possam ser realizadas com sucesso. A escolha de elaborar um roteiro que localize os momentos de corte e separe as falas por etapas, foi para que no momento de gravação, a leitura e interpretação pudesse ser mais fluída. Ou seja,

---

<sup>40</sup> Anexo III

<sup>41</sup> Nos referimos a mais “Tradicionais” no contexto do movimento da Tropicália e do chamado nacional-popular.

o roteiro de fala base é de fato utilizado no momento de gravação, sem dúvidas, erros e improvisos podem vir a acontecer, o importante é estar bem localizado para que não seja preciso gravar tudo desde o começo, apenas retomando no corte em que houve esse desvio.

Logo, é um modo de manter a organização e não se perder nas etapas. Um exemplo que a falta de organização no roteiro pode ocasionar, está presente no terceiro episódio, pois, está destacado para colocar-se dois trechos dos Festivais de Música Popular Brasileira, mas como não foi atrelado aos momentos de corte para seguir no processo de gravação, possuiu-se despercebidos na edição, então não foi possível inseri-los, ficando em falta o que estava estabelecido no roteiro. Portanto, o roteiro não é somente para organização, é também para a fluidez da produção completa, pois a partir dele, todos os outros aspectos devem estar em harmonia.

#### **4.2 Produção de vídeos: gravação e edição**

Para a produção da *websérie* foram necessários comprar dois equipamentos: um microfone de lapela e um tripé. O primeiro objeto foi adquirido por precaução, visto que a câmera que seria utilizada para gravação estava com o microfone danificado e o de lapela é excelente, pois isola ruídos, canalizando o som principal ao da voz do emissor. Já o segundo, foi comprado de última hora devido emergência.

Sendo assim, devemos observar que alguns materiais são necessários para um vídeo de melhor qualidade, porém, nada impede de ser utilizado o que há disposto. Recomenda-se o uso de uma câmera que grave em 1080 pixels<sup>42</sup>, para que seja possível assistir em 720p, caso queira em High Definition, é preciso resolução maior e espaço para armazenamento. Felizmente, a maioria dos celulares possuem essa ou maiores, como gravação em 4K. Outro ponto importante, é a memória disponível no aparelho, pois com essa resolução, 16 minutos de vídeo (1º episódio sem edição) chegou a 2,60 Gigabytes, então é importante pensar em nuvens que não diminuam a qualidade da imagem com a transferência, cartão de memória, pen drive ou até mesmo um HD externo para armazenamento.

---

<sup>42</sup> Falamos em 1080 pixels, pois o Youtube adapta os vídeos a proporção ideal, sendo assim, essa é uma resolução comumente usada, pois além de permitir uma boa qualidade de imagem, se encaixa a proporção padrão de 16:9. Ver em: RESOLUÇÃO e proporção de vídeos. In: ajuda do Youtube. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/6375112?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DDesktop>. Acesso em 10 de mar. de 2022.



Não menos importante, microfone (pode ser o do próprio aparelho); iluminação (lâmpada, abajur, luz natural), objetos para compor um cenário de fundo ou uma parede branca; Figurino e por fim, notebook ou computador para edição. O tripé foi uma aquisição de urgência, pois não havia suporte para colocar o celular que estava gravando, sendo assim, o processo de gravação tornava-se mais cansativo, pois a câmera escorregava do suporte improvisado e perdia-se o foco e enquadramento do vídeo. O Piloto e a apresentação, foram gravados assim. Para dar continuidade na série, foi investido em um tripé simples para facilitar as gravações posteriores.

Imagem 2: Celular conectado com microfone de lapela apoiado sobre porta lápis que está apoiado em cima de livros e um notebook



Fonte: Arquivo pessoal

Como podemos observar na imagem, é possível gravar com o que está disposto, sem grande investimento financeiro, porém, para fins práticos e um resultado melhor, é recomendado a compra desses dois objetos. Após a aquisição do tripé, o enquadramento tornou-se mais fácil e prático, inclusive para posicionamento do notebook que nos momentos de gravação serviu como uma substituição a um teleprompter<sup>43</sup>. Na próxima fotografia, podemos

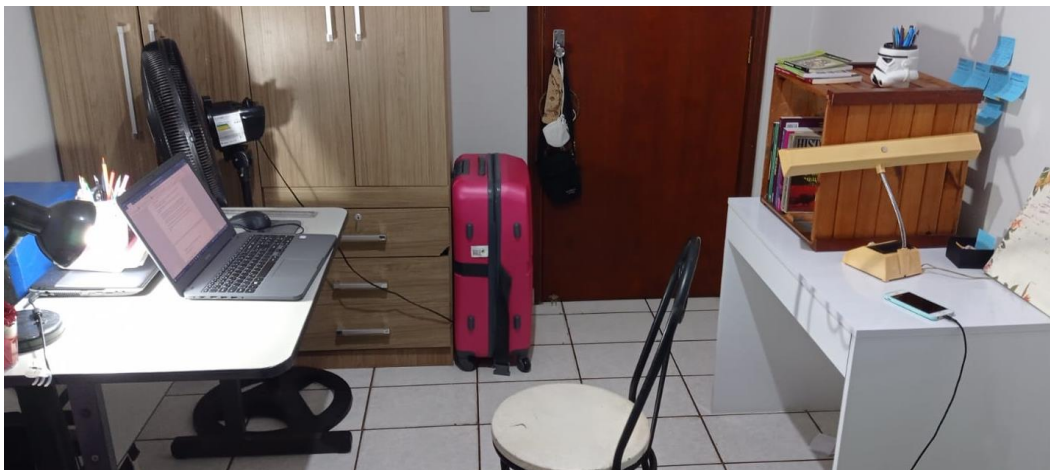
---

<sup>43</sup> Aparelho utilizado para apresentação do texto\roteiro em gravação. É acoplado a câmera e auxilia no enquadramento, visto que passa a sensação de o apresentador estar olhando direto para o telespectador. É excelente

observar como estava disposto o cenário e como foi elaborado o enquadramento. O cenário é uma parte fundamental, pois dá fundo ao que será apresentado. Pode ser uma estante de livros, um fundo infinito<sup>44</sup>, quadros e afins.

No caso, foi utilizada uma mesa de estudos branca como suporte para um caixote com livros de História, em sua maioria, utilizados para a construção desse trabalho. O ponto principal, é o pôster na parede, pois é uma parte da capa do álbum *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band* dos The Beatles, que foi uma influência a estética visual e musical do movimento da Tropicália, ou seja, é interessante que o fundo seja pensado de acordo com a proposta do vídeo, assim como o figurino. Para isso, foram utilizadas camisas coloridas, pois combinam com a temática, a excessão foi o “Episódio 2: “Tropicália: o contexto, as artes e o movimento”, pois ao abordar a Ditadura Civil-Militar, não podemos associar a cores vivas. Aspectos como esse são de metalinguagem do vídeo e são fundamentais para a construção estética.

Imagem 3: Cenário de fundo do vídeo piloto



Fonte: Arquivo Pessoal

De fato, o processo de gravação exige foco físico e mental, principalmente se todas as atribuições (roteiro, enquadramento, figurino, cenário, etc...) forem de responsabilidade da apresentadora, pois é necessária a organização de todos esses quesitos antes de ir para a frente da câmera. Outro ponto importante, é o horário de gravação. Podemos observar que no vídeo

---

para as gravações, mas seu valor pode não ser tão acessível. Visto isso, o notebook é uma solução, pois pode apresentar o texto enquanto grava, deve-se apenas atentar ao direcionamento para que o apresentador não fique com o olhar disperso da câmera.

<sup>44</sup> É utilizado para direcionar a atenção do espectador ao apresentador. Pode ser verde ou branco e é editável, ou seja, pode-se colocar imagens, vídeos e afins, como cenário de fundo. Existem equipamentos a venda que facilitam isso, simulando um estúdio de gravação.

de apresentação, está mais iluminada e sem sombra ao fundo, pois foi gravada em um sábado a tarde. Já os episódios, foram gravados no período da noite, até a madrugada, causando sombra ao fundo devido a posição da luminária e falta de iluminação natural, sendo assim, é essencial pensar sobre horários para melhor aproveitamento ou posicionamento da luz e iluminação. Ao todo, foram aproximadamente 5 horas de gravação, contando: Piloto, Apresentação, Episódio 1, Episódio 2 e Episódio 3. O resultado foram 4 vídeos que com a edição final contabilizam 34,05 minutos ao todo disponibilizados ao público.

Imagem 4: vídeo de apresentação sem sombra ao fundo



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 5: Episódio 2 com sombra ao fundo



Fonte: Arquivo pessoal

Já ao falarmos sobre edição de vídeos, devemos ter em mente que as possibilidades são inúmeras, pois são diversos os aplicativos, programas e recursos para manuseio, tudo depende do objetivo que você quer alcançar. Por exemplo, para a produção da *websérie* foram utilizados dois editores: Canvas e Shotcut. O primeiro mais voltado a parte estética, cards de visualização<sup>45</sup>, vinheta, encerramento, vídeos com a letra e música. Já o segundo, foi mais para

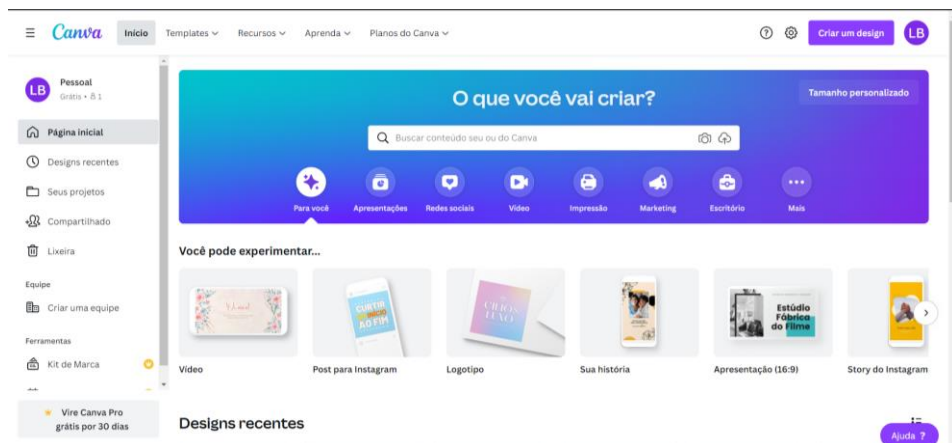
---

<sup>45</sup> Anexos VI, VII, VIII e IX.

a edição dos vídeos propriamente: cortes, transições, inserção de imagem, vídeos, mixagem do som e textos. É importante ressaltar que ambas plataformas são gratuitas, pois o objetivo é ser o mais acessível possível.

A plataforma Canva possui diversas funcionalidades, nela é possível deixar toda sua produção salva para que você possa pausar e voltar de onde parou sem a necessidade de fazer download, desde que faça login para uso, seja por download em seu aparelho ou navegador. Desde apresentações, templates e cards para redes sociais, materiais para impressão, marketing, slides, logotipo e assim por diante, é um recurso rico, pois além de ser gratuito, também permite que sejam criados projetos compartilhados para mais de uma pessoa editar e disponibiliza uma aba intitulada “Aprenda” em que dá dicas de design, dependendo do seu propósito. Alguns recursos são pagos, pois a plataforma disponibiliza assinaturas, tais como: Pro; Enterprise; Educação e ONGs. No entanto, em sua forma gratuita já possui inúmeras funcionalidades e recursos que possibilitam a edição criativa de conteúdos e criação de recursos didáticos.

Figura 6: Print da tela inicial do Canva.



Fonte: Arquivo pessoal

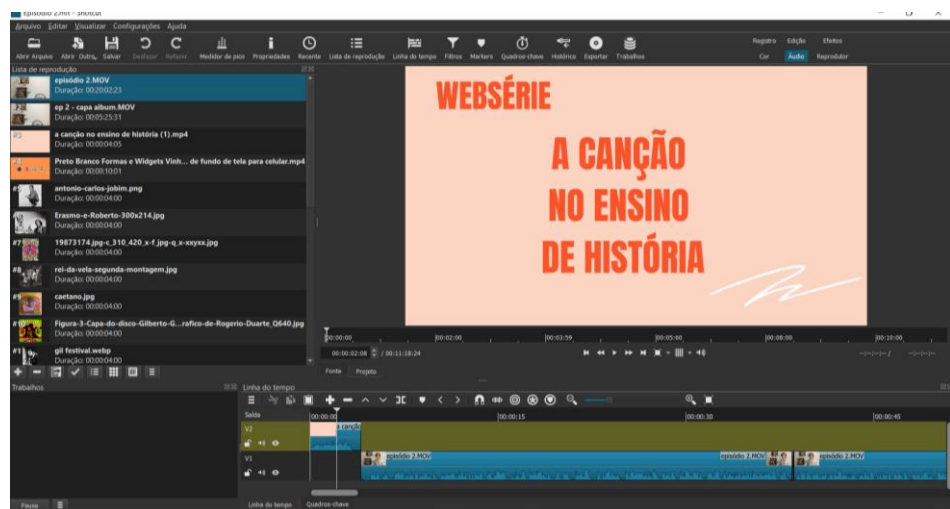
Ao que tange o Shotcut, estamos falando de uma plataforma mais complexa de uso, porém intuitiva também, ou seja, é possível ir descobrindo seu uso a partir de testes e leitura de cada item. Uma diferença entre elas, é que o canvas pode ser utilizado por meio de celulares e tablets, já o shotcut, somente por meio de computadores ou notebooks. Essa plataforma, possibilita editar vídeos maiores e com recursos diferenciados, pois disponibiliza efeitos para

cada faixa de vídeo, seja para o visual em si, ou para as transições, cortes e/ou áudio. Por exemplo, para a edição do episódio 3, foram necessárias três faixas: uma para o vídeo, outra para a inserção de texto e imagens e por fim, uma para o áudio no final.

Algo interessante é que além das plataformas serem gratuitas, há diversos tutoriais para seus usos em sites, blogs e principalmente, pelo Youtube. O criador de conteúdo, Alex Moletta, possui uma playlist<sup>46</sup> completa sobre o uso desse recurso em seu canal “Mais vídeomundo”, do qual foi muito útil para aprendizado. Para além, é roteirista, filmmaker e também possui bibliografia sobre a temática, auxiliando quem possui interesse em se aprofundar dentro desse universo. A interface do Shotcut pode parecer complicada, mas ao aprender o básico, é possível editar diversos tipos de vídeos, pois os primeiros passos para a edição são padrões.

Por exemplo, os três episódios seguiram a mesma linha de produção. Para início, você deve nomear e iniciar um novo projeto; abrir o arquivo que você vai utilizar (recomenda-se nesse momento já inserir tudo o que for ser colocado, então, é importante deixar pré-organizado em pastas em seu computador); adicionar a lista de reprodução; inserir na faixa; inserir faixa acima. A partir desse início, você pode começar a trabalhar seu conteúdo. O interessante é que as ondas sonoras são visíveis, sendo assim, é mais fácil o processo de realizar cortes em partes não necessárias, pois é só observar onde há maior ou menor frequência, mas claro, é fundamental assistir para melhor compreender onde de fato deverão ser aplicados. No caso dos vídeos da websérie, os cortes foram pensados antes mesmo da gravação.

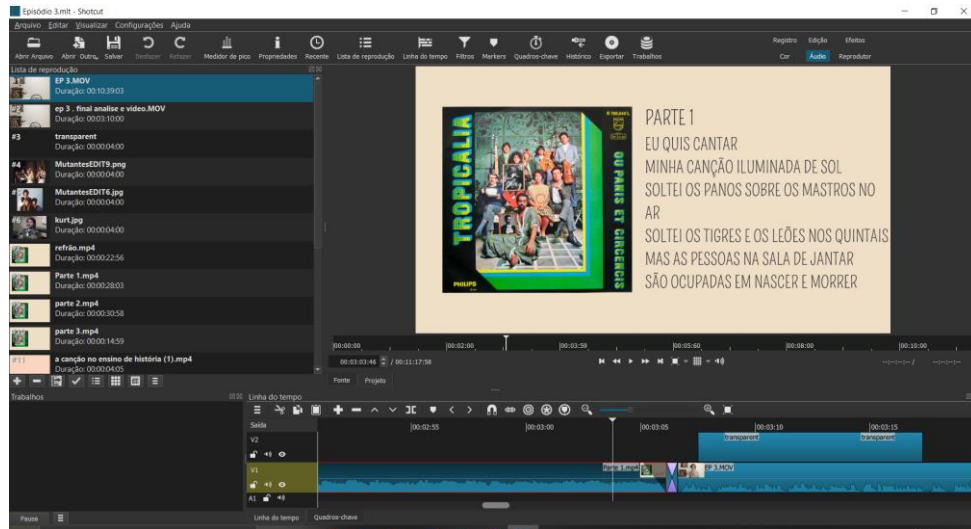
Imagem 7: Print da tela de edição do Shotcut com o Ep. 2.



<sup>46</sup> Ver em: CURSO de EDIÇÃO Gratuito no SHOTCUT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R2zZfNLbFT4&list=PLX4YRYeAdV60IYbOwd0rwnwaPpQXcf5et>. Acesso em 07 de mar. De 2022.

Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 8: Print da tela de edição do Shotcut com o Ep. 3.



Fonte: Arquivo Pessoal

Para melhor estudar a plataforma e entender como seriam feitas as edições, foi realizada a gravação de um vídeo piloto, seguindo os mesmos parâmetros dos que seriam oficialmente lançados. Com a gravação e edição desse teste, foi possível aprender sobre as ferramentas e também observar o que deveria ser ajustado. A partir dele, enquadramento, cenário e iluminação puderam ser avaliados e aprimorados para as gravações oficiais. Assim como, perceber onde seria necessária edição.

Seguindo essa linha, todos os episódios tiveram vinheta no início e de encerramento, a diferença está no último que foi colocado o final da canção Panis et Circense, para transparecer o encerramento da websérie. O episódio 2 teve em torno de 11 cortes, enquanto o terceiro teve 24. Eles variam, pois no último, houve a necessidade de fazer mais pausas devido os cortes de análise da canção, sendo assim, deveriam ser eliminados para inserção do card com a letra da música. Em contrapartida, o segundo episódio contou com 17 imagens, pois como foi para analisar um contexto, todas as figuras foram necessárias para ilustrar e exemplificar melhor, bem como, foi aplicado efeito de desfoque para a imagem da capa do fonograma, sendo colocado apenas o áudio de fundo com o objetivo de explicar o que está presente ali, é interessante ressaltar que na gravação, foi diminuído a altura da voz, para não soar igual a quando está a apresentadora a frente, pois o foco deve-se estar na figura.

Em relação a filtros, o último episódio foi o mais explorado nesse quesito. Foram utilizados filtros, um deles foi “Ganho\volume” na configuração -7,0 para o áudio, visto que os cards com a letra da música estavam mais altos do que a gravação em si, então foi necessário fazer esse ajuste para que o som não estourasse durante a exibição do vídeo. Bem como, “Diminuindo áudio” para que ao final fosse gradualmente abaixado o volume para iniciar-e a análise subsequente. Os textos também são um excelente recurso didático na tela por reforçarem algo que está sendo dito, mas foi evitado em grande quantidade ou muito longos, pois o foco deve estar na fala da apresentadora.

Devemos ter em mente que nada na estética da produção foi em vão, tudo foi pensado de acordo com a temática. As imagens ilustram o que está sendo falado no momento, como por exemplo, quando está sendo explicado sobre o posicionamento político e artístico de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Aparece a imagem da capa dos álbuns “Caetano Veloso” e “Gilberto Gil”, sem necessariamente cita-los, a imagem está ali com esse fim.

Também, segue-se esse procedimento nas capas de exibição no Youtube. A de apresentação, possui elementos como claves musicais, pois está se referindo ao que será abordado. O segundo, possui além das claves, também pontos de interrogação, visto que o título é “Ensino de História e Música, o que é isso?”. Já o terceiro, possui imagens que estão ligadas ao contexto: Chico Buarque nos festivais de música, foto do grupo da Tropicália, João Gilberto e seu violão e a imagem de um estudante sendo agredido pela polícia na Ditadura. Por fim, o último episódio traz de capa Caetano cantando “Alegria, Alegria”, Capa do álbum Tropicália ou Panis et Circense e dos já referidos discos de Caetano e Gilberto Gil. Bem como, as cores dos textos e cards utilizados, voltados a cores alegres que remetem a tropical.

Infelizmente, durante o processo de edição problemas técnicos aconteceram, pois o notebook que foi usado travou para carregar o vídeo dentro do shotcut, então nem todos os cortes foram precisos, pois havia um atraso em relação ao que era visualizado no momento. O correto é diminuir a qualidade do vídeo para que ele seja processado mais claramente, no entanto, foi optado por não realizar esse procedimento, para que a imagem não perdesse qualidade na hora de ser exibida dentro da plataforma do Youtube. Esses são procedimentos comuns na produção de vídeos, devemos ter em mente qual objetivo queremos alcançar, pois só assim, economizamos tempo e é possível contruir um conteúdo de qualidade.

### 4.3 Recepção

Falar sobre a recepção de vídeo pode ser complexo, pois estando em uma ampla rede como o *YouTube*, não temos controle sobre quem vai assistir ao conteúdo, como também, não podemos aferir como será recebido de fato. Uma das técnicas que podemos utilizar para buscar esse *feedback*, é pedir no vídeo para que as pessoas façam comentários, o interessante é buscar as deixas confortáveis para escrever. Dessa forma, podemos ter um retorno de como está sendo recebido por pelo menos uma parte, visto que nem todos interagem com o conteúdo.

Visando atingir um público mais amplo buscamos divulgar a websérie em diferentes mídias sociais, para além do *YouTube*, tais como: *Instagram*, *E-mail* e *WhatsApp*. No *Instagram*, a divulgação ocorreu no perfil do LAPEH, o vídeo de apresentação, postado no *feed* no dia 02 de março, alcançou 1.661 contas, obteve 68 curtidas, 29 compartilhamentos, 15 comentários e 2 salvamentos, num total de 114 interações com o conteúdo. Outras três postagens no *feed* foram realizadas para divulgação de cada um dos episódios. No caso dessas postagens optou-se por utilizar apenas as capas dos vídeos. Nesse caso, o alcance obtido foi bem menor, com o alcance de 220, 131 e 103 contas alcançadas, respectivamente.<sup>47</sup>

A divulgação pelo e-mail ocorreu a partir da lista de contatos do LAPEH, com uma mensagem enviada com a apresentação da websérie e os *links* para os três episódios. Já no *WhatsApp*, foi enviado os *links* para contatos pessoais da apresentadora, do orientador e de grupos do curso de graduação. Para além das mídias sociais, o websérie teve uma importante divulgação junto a seção Comunica UFU, no site da Universidade Federal de Uberlândia. realizada entrevista com a orientanda e com o orientador para relatar a construção do trabalho. A matéria, de autoria de Ítana Santos, da Diretoria de Comunicação da UFU, contou com depoimentos da apresentadora e de seu orientador e teve como objetivo divulgar a websérie para a comunidade acadêmica e comunidade externa<sup>48</sup>. Com toda certeza, são ações como essas que aumentam a quantidade de visualizações, pois somente com a publicação no *YouTube*, talvez não seria tão alcançada a websérie, para produções como essa, divulgação ampla é fundamental.

---

<sup>47</sup> Os dados foram extraídos do perfil do LAPEH no dia 20/03/2022.

<sup>48</sup> SANTOS, Ítana. Que tal ouvir músicas nas aulas de História? Confira na websérie 'A canção no ensino de História', produzida por pesquisadora do Campus Pontal da UFU. **Comunica UFU**. Br. Uberlândia. 18 de mar. De 2022. Notícias. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/node/20050>. Acesso em: 19 de mar. de 2022.



Para analisarmos a recepção dos vídeos utilizamos algumas das métricas fornecidas pelo *YouTube*. O relatório gerado pela plataforma apresentou os seguintes itens: porcentagem visualizada média (porcentual médio de um vídeo que o público assiste por visualização); espectadores únicos (Número estimado de pessoas que assistiram o conteúdo no período selecionado); duração média da visualização (Média estimada de minutos assistidos por visualização para conteúdo, período, região e outros filtros selecionados); Visualizações (Total de visualizações no período, região e outros filtros selecionados); Tempo de exibição (Estimativa em horas do total de visualizações do conteúdo pelo público); Inscritos (A diferença no total de inscritos, resultado da subtração do número de assinantes perdidos do número de assinantes novos para o período e região selecionados); Impressões (Quantas vezes as miniaturas do vídeo foram mostradas aos espectadores. Inclui apenas as impressões no *YouTube*, e não em sites ou aplicativos externos); Taxas de cliques de impressões (%) (Visualizações por impressões mostradas. Serve para avaliar com que frequência os espectadores assistiram um vídeo depois de ver uma impressão).

Falaremos sobre os dados de cada vídeo. A apresentação possui 54,67% de visualização média; 52 espectadores únicos; 0:00:32 de duração média da visualização; 66 visualizações; 0,5913 tempo de exibição em horas; 10 inscritos para o canal; 241 impressões e 5,39% de cliques. Analisando esses dados podemos aferir que a recepção da apresentação foi positiva, pois gerou novos inscritos que se interessaram pela websérie, levando em consideração que no vídeo é solicitado para quem quiser acompanhar os episódios que se inscrevam no canal do LAPEH. Bem como, obteve um comentário positivo parabenizando pela iniciativa. Em nossa última consulta, no dia 20 de março, o vídeo de apresentação havia atingido 74 visualizações.

O episódio 1 consta com 17,44% de porcentagem visualizada média; 61 espectadores únicos; 0:01:57 de duração média de visualização; 85 visualizações; 2,7705 de tempo de exibição em horas; 1 novo inscrito; 246 impressões e 12,2% e taxas de cliques por impressão. Podemos observar que a quantidade de espectadores únicos aumentou, bem como a taxa de visualização, fator positivo, levando em consideração que trata-se de um vídeo de maior duração. De toda a websérie, é o que possui maior taxa de cliques por impressões. Como também em quantidade de exibição em horas. Em nossa última consulta, também no dia 20 de março, o vídeo havia atingido a marca de 96 visualizações e 13 comentários, contando as respostas da apresentadora para os espectadores.

Já no segundo episódio, vemos 18,01% de porcentagem visualizada média; 45 espectadores únicos; 0:02:02 de duração média de visualização; 66 visualizações; 2,2417 tempo

de exibição em horas; 1 novo inscrito; 232 impressões e 9,48% de taxa de cliques de impressões. Comparando ao primeiro, possuímos uma porcentagem de visualização maior, mas 16 espectadores únicos a menos, mesmo possuindo a segunda maior taxa de cliques por impressão da websérie. No dia 20 de março de 2022, nossa última consulta, o vídeo acumulava 74 visualizações e 7 comentários, nenhum com críticas.

Por fim, o terceiro e último episódio, possui 18,73% de porcentagem visualizada média; 23 espectadores únicos; 0:02:06 de duração média de visualização; 40 visualizações; 1,4106 de tempo de exibição em horas; 0 novos inscritos; 363 impressões e por fim, 3,58% de taxa de cliques de impressões. Interessante observarmos que por mais que o terceiro episódio possua a maior quantidade de impressões, foi o menor em taxa de cliques advindos da impressão, também visualização e espectadores únicos. Isso nos mostra que não é possível ter controle da recepção das pessoas, mas vale ressaltar que em relação a lançamento, é o mais recente, então é possível que ainda não tenha tido tempo suficiente para as métricas se igualarem. Até o dia 20 de março de 2022, o vídeo havia alcançado 45 visualizações.

Imagem 9: Tabela de métricas geradas pelo YouTube

1	Porcentagem visualizada média (%)	Espectadores únicos	Visualização média em minutos	Visualizações	Tempo de exibição (horas)	Inscritos	Impressões	Taxa de cliques de impressões (%)
2	54,67	52	0:00:32	66	0,5913	10	241	5,38
3	17,44	61	0:01:57	85	2,7705	1	246	12,2
4	18,01	45	0:02:02	66	2,2417	1	232	9,48
5	18,73	23	0:02:06	40	1,4106	0	363	3,58
6	Percentual médio de um vídeo que seu público assiste por visualização.	Número estimado de pessoas que assistiram seu conteúdo no período selecionado.	Média estimada de minutos assistidos por visualização para conteúdo, período, região e outros filtros selecionados.	Total de visualizações no período, região e outros filtros selecionados.	Estimativa em horas do total de visualizações do seu conteúdo pelo público.	A diferença no total de inscritos, resultado da subtração do número de assinantes perdidos do número de assinantes novos para o período e região selecionados.	Quantas vezes as miniaturas do seu vídeo foram mostradas aos espectadores. Inclui apenas as impressões no YouTube, e não em sites ou aplicativos externos.	Visualizações por impressões mostradas. Serve para avaliar com que frequência os espectadores assistiram um vídeo depois de ver uma impressão. Está se perguntando se sua taxa de cliques de impressões é alta ou baixa?

Fonte: Acervo pessoal

De certa forma, a quantidade de visualizações foi positiva, principalmente pensando no teor dos comentários, que foram em sua maioria de parabenização pela proposta e iniciativa, pelo conteúdo apresentado e pela forma como foi articulada a fala. De fato, é um conteúdo que está agradando e esperamos que também incentivando outras pessoas a trabalharem com temáticas como essa. Observa-se, porém, a dificuldade em converter os bons números do vídeo de apresentação no Instagram, para uma audiência mais robusta no *YouTube*. Nota-se também a queda de visualizações do primeiro para o último episódio, o que sugere que nem todas as pessoas acompanharam a websérie na íntegra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gravar vídeos tornou-se algo comum na rotina dos professores, que antes tinham nas lousas suas telas. Com a necessidade de ficar em isolamento social, adaptações foram urgentes. Pensando nas possibilidades do *YouTube* como um recurso metodológico, este trabalho visou compreender por meio dos referenciais teóricos-metodológicos do Ensino de História, Música Popular e História Pública Digital como tornar eficaz o uso dos meios digitais para a educação, bem como, utilizar da canção popular para apresentar determinado processo histórico a partir da escuta da obra e análise do contexto de produção, circulação e de seus códigos internos de funcionamento, tais como: letra, melodia e arranjos.

Essas discussões foram o produto levado para dentro da plataforma, gerando uma websérie de três episódios que expandiram a relação que há entre assistir um vídeo e o produzir de fato. Nesse campo, há grande diferença, pois a produção de vídeos exige ruminação para que seja de qualidade. Pensando na metodologia utilizada, experimentamos construir algo do zero, mas sem fugir do fazer histórico e do compromisso do historiador com a verdade.

Observamos que para a produção de vídeos é necessário tempo, pois os roteiros devem estar bem escritos e organizados. Infelizmente, com o dia-a-dia e afazeres, no terceiro semestre do ano, erros foram cometidos. Ao produzir conteúdo educativo, deve-se ter em mente além do público alvo, as palavras que serão utilizadas, pois erros conceituais fazem toda a diferença na interpretação do emissor. Felizmente, o *YouTube* permite colocar descrição e até mesmo comentário fixado, então, caso aconteça algum deslize, é possível retificar. Sem dúvidas, anacronismo é um dos sete pecados do historiador.

Bem como, buscamos com esse trabalho trazer à tona uma das possibilidades do Ensino de História, que é levar para o meio digital discussões comuns a historiadores, como por exemplo, do uso de fontes. No primeiro episódio quando falamos sobre conhecer o objeto, aqui isso também foi buscado, quando visamos desbravar a plataforma *YouTube* com suas diversas funcionalidades por meio da gravação e edição de vídeos.

A partir de trabalhos como esse podemos ver a expansão do campo historiográfico, pois não estamos apenas produzindo um conteúdo para uma plataforma, estamos também produzindo um objeto que pode ser utilizado futuramente como fonte para análise. Ao abordarmos essas temáticas, contribuimos para a compreensão e expansão do ofício do historiador.

Devemos ter em mente que o objeto levado ao *YouTube* teve em sua maioria falas que foram retiradas do processo de escrita desse trabalho, então, de fato, é um ponto importante, pois está embasado em pesquisas e buscou-se linguagem acessível para o melhor entendimento do público, independente de quem viesse a assistir a websérie.

Em linhas gerais, experimentamos um campo que está crescendo e ganhando força dentro do país e de fato, devemos incentivar os historiadores e professores a utilizar esses recursos, pois como muito foi abordado, é importante nos apropriarmos para que nosso fazer não seja esquecido em meio a tantos conteúdos e informações. Esse foi apenas um começo, ainda há muito a ser percorrido, debatido, refutado e aprimorado, esperamos que esse trabalho tenha contribuído para o progresso no Ensino de História e inspirado os leitores.

## REFERÊNCIAS

- (Orgs.). **O Brasil republicano (vol. 4). O tempo da ditadura: regime militar e**  
 BARAT, Áicha de Figueireido. Qual a importância das capas de discos para além da música.  
**In: Nexo.** Acadêmico. 20 de fev. de 2019. Disponível em:  
<https://www.nexojornal.com.br/academico/2019/02/20/Qual-a-import%C3%A2ncia-das-capas-de-discos-para-al%C3%A9m-da-m%C3%BAica>. Acesso em 04 de fev. de 2022.
- básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucila de Almeida Neves  
 BIO, Gilberto Gil. **In: Gilberto Gil.** Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/bio/gilberto-gil/>.  
 Acesso em 16 de fev. 2022.
- BIOGRAFIA, Caetano Veloso. **In: Caetano Veloso.** Disponível em:  
<http://www.caetanoveloso.com.br/biografia/>. Acesso em 16 de fev. 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Música e ensino de história. **In: Ensino de história: fundamentos e métodos.** 5 ed. São Paulo, Cortez, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O que é disciplina escolar? In: Ensino de história: fundamentos e métodos. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2018
- BONFIM, Maurício Nunes da Costa. Introdução. **A Web 2.0, suas tecnologias e aplicações educacionais.** UFRJ, 2008.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCCHESI, Anita. História Digital: Reflexões, experiências e perspectivas. In: **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Introdução: Os lugares do historiador-divulgador. **In: História Pública e divulgação de História.** São Paulo, Letra e Voz, 2019.
- COPLAND, Aaron. 1. Preliminares. **Como ouvir e entender música.** Edit. Artenova S.A, 1974.
- DAVID, Célia Maria. **Música e Ensino de História: Uma proposta.** Disponível em:  
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>. Acesso em 15 de jun. 2021.
- ESTUDANTES. Participação Central dos estudantes no cenário político. **In: Memórias da Ditadura.** Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/>. Acesso em 16 de fev. 2022.
- FAVARETTO, Celso Fernando. **Tropicália: alegoria, alegria.** 3.ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.
- FAVARETTO, Celso. **Tropicália, Alegoria Alegria.** 5º ed. Cotia, São Paulo, Ateliê Editorial, 2021.
- FERNANDES, Paulo. Tropicália ou Panis et Circensis, o disco-manifesto que mudou a história da música. **In: Revista Bula.** 04 de jul. de 2021. Disponível em:  
<https://www.revistabula.com/41941-tropicalia-ou-panis-et-circencis-o-disco-manifesto-que-mudou-a-historia-da-musica/>. Acesso em: 02 de fev. 2022.

FERRETTI, Celso João. “A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade em educação”. In: **Estudos Avançados**. 32 (93), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0025.pdf>

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares GRANDISOLI, Edson; JACOBI, Pedro Roberto; MARCHINI, Silvio. **Pesquisa: Educação, Docência e a COVID-19**. USP Cidades Globais; Instituto de Ciências Avançadas da Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/pesquisa-educacao-docencia-e-a-covid-19#:~:text=%E2%96%B6%20A%20Pesquisa%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20Doc%C3%Aancia,a%20pandemia%20da%20COVID%2D19.&text=%E2%96%B6%20Cerca%20de%2053%25%20se,v%C3%ADrus%20causador%20da%20COVID%2D19>. Acesso em 22 abr. 2021.

FILATRO, Andrea. Como preparar vídeoaulas? In: **Como preparar conteúdos para EAD**. 1º ed.. – São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

HERMETO, Miriam. SOARES, Olavo Pereira. Música e ensino de história. In: **Revista História Hoje**, vol. 6. Nº11. Apresentação Dossiê, 2017.

HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida (edts). **História Pública e Ensino de História**. 1.ed. São Paulo, Letra e Voz, 2020.

LEE, Peter. Por que aprender História? In: **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n. 42, p. 19-42, out./dez. 2011. Editora UFPR.

LEITTE, Paula. Google compra site de vídeo YouTube por US\$ 1,65 bi. **Folha de São Paulo**. São Paulo, terça-feira, 10 de outubro de 2006. Mercado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1010200602.htm>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? Os públicos e seus passados. In: **Introdução à História Pública**. Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai (org.). São Paulo, Letra e Voz, 2011. (pp. 31-52)

MARINO, Rafael. Lineamentos Bibliográficos sobre a Tropicália. In: **Registros de pesquisa. Sociol. Antropol.** 11 (02). Maio – Agosto, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11i2i3>. Acesso em: 01 de fev. 2022.

MEC paga R\$ 295 mil para vídeos de youtubers sobre a reforma do ensino médio. **G1**, 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/mec-desloca-r-295-mil-para-propaganda-de-youtubers-sobre-a-reforma-do-ensino-medio.ghtml>. Acesso em 11 de jun. 2021.

MENDES, Gabriel Cunha. **Canal “Outra História”: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Dissertação (Mestrado em História), PROFHistória. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000. p. 203-221.

**movimentos sociais em fins do século XX**. 3.<sup>a</sup> Ed., Rio de Janeiro: Civilização Musica Brasilis, Festival da Record de 1967 – 50 anos. In: **Musica Brasilis**, 05 de set. de 2017. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/temas/festival-da-record-de-1967-50-anos>. Acesso em 28 de jan. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. A república das bananas: o Tropicalismo no panorama da MPB. In: **Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)**. Versão digital, São Paulo, 2010. P.183-226. Disponível em <[https://www.academia.edu/3821530/SEGUINDO\\_A\\_CANCAO\\_digital](https://www.academia.edu/3821530/SEGUINDO_A_CANCAO_digital)>. Acesso em: 06/04/2021

NAPOLITANO, Marcos. A república das bananas: o Tropicalismo no panorama da MPB. In: **Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)**. Versão digital, São Paulo, 2010. P.183-226. Disponível em <[https://www.academia.edu/3821530/SEGUINDO\\_A\\_CANCAO\\_digital](https://www.academia.edu/3821530/SEGUINDO_A_CANCAO_digital)>. Acesso em: 06/10/2020

NAPOLITANO, Marcos. Fontes iconográficas e audiovisuais. A história depois do papel. In: PINSKY, Carlo B. (Org.) **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música – História cultural da música popular**. 3. Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

NAZÁRIO, Murilo Eduardo; SANTOS, Wagner dos; NETO, Amarílio Ferreira. Netnografia da reforma curricular do ensino médio brasileiro. In: **Revista Brasileira de Educação**. V.26. e. 260002, 2021.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. Digital Public History. **Liinc Em Revista**, [s.l], 11(1), 2015. <https://doi.org/10.18617/liinc.v11i1.797>.

PANIS et Circenses. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6144/panis-et-circenses>>. Acesso em: 06 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

PEZZONIA, Rodrigo. MPB Exilada: Chico, Gil e Caetano entre exílio e retorno. In: **ANHPUH – Brasil**. 30º Simpósio Nacional de História: Recife, 2019.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>

QUANTAS pessoas usam o YouTube em 2021? [Novos Dados]. **Affde**, 2022. Disponível em: <https://www.affde.com/pt/youtube-users.html>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

REIS, Daniel Aarão; ROLLEMBERG, Denise. A ditadura, as artes e a cultura. In: **Memórias Reveladas**. Disponível em: <http://memoriasreveladas.gov.br/campanha/censura-nas-manifestacoes-artisticas/index.htm>. Acesso em 16 de fev. 2022.

REPARAÇÃO Psíquica. **In: Memórias da Ditadura.** Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/reparacao-psiquica/>. Acesso em 16 de fev. de 2022.

Repressão e Resistência. **In: Memórias da Ditadura.** Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/repressao/>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. **In: História Pública e Divulgação de História.** 1. Ed. São Paulo, Letra e Voz, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. **In: História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, pp. 23-35, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. **In: História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, pp. 23-35, 2016.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da Silva; GOLÇALVES, Jessica Yohana. Contracultura e Transgressão: uma análise do álbum “tropicália ou panis et circencis” (1968). **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO** (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, n. 36, Jan-Jun, 2018. <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2018.36.1.13>.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **História, técnica e novas mídias: reflexões sobre a história na era digital.** UFGRS, Porto Alegre, 2018.

**Tropicália.** Um projeto de Ana Oliveira. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/>. Acesso em 02 de fev. 2022.

Tropicalismo: As Relíquias do Brasil em Debate. **Revista brasileira de História.** Volume 18, número 35. São Paulo, 1998.

USO de Internet, televisão e celular no Brasil. **Educa IBGE.** Matérias especiais. [s.d] Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em 10 de jun. 2021.

VILLAÇA, Túlio Ceci. Panis et Circense: duas faces de uma canção menor. **In: Revista Iconoclasta.** Disponível em: <https://revistaiconoclasta.com/2021/10/23/panis-et-circences-duas-faces-de-uma-cancao-menor/>. Acesso em 16 de fev. 2022.

WATCHING The Pandemic. **In: Youtube: Culture & Trends.** Disponível em: <https://www.youtube.com/trends/articles/covid-impact/>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

YOUTUBE During The Covid-19. **In: Youtube: Culture & Trends.** 25 de jun. 2020. Disponível em: / <https://www.youtube.com/trends/articles/what-it-means-to-stayhome-on-youtube>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

### Referência imagens:

ALMEIDA, Fernando dos Santos. A tropicália de Rogério Duarte em “Caetano Veloso” e “Gilberto Gil” (1968). **In: Researchgate.** Disponível em:



[https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Capa-do-disco-Gilberto-Gil-1968-com-projeto-grafico-de-Rogério-Duarte\\_fig3\\_326606774](https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Capa-do-disco-Gilberto-Gil-1968-com-projeto-grafico-de-Rogério-Duarte_fig3_326606774). Acesso em 09 de fev. 2022.

BITTENCOURT, Julinho. “Tropicália ou Panis et Circenses”, o disco manifesto completa 50 anos. **In: Revista Fórum**. 13 de jul. 2018. <https://revistaforum.com.br/cultura/tropicalia-ou-panis-et-circenses-o-disco-manifesto-completa-50-anos/>. Acesso em 08 de fev. de 2022.

CAETANO Veloso – Caetano Veloso (1968). **In: Discogs**. [https://www.discogs.com/pt\\_BR/release/2296854-Caetano-Veloso-Caetano-Veloso](https://www.discogs.com/pt_BR/release/2296854-Caetano-Veloso-Caetano-Veloso). Acesso em 09 de fev. de 2022.

LEITE, Rodrigo Morais. A Gênese de O Rei da Vela. **In: Isso Compensa**. Disponível em: <http://issocompensa.com/teatro/rei-da-vela>. Acesso em 10 de fev. de 2022.

LEITURAS Complementares. **In: Tropicália**. Disponível em: [http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras\\_gg\\_objetividade2.php](http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_gg_objetividade2.php). Acesso 10 de fev. de 2022.

MACHADO, Bruno. Erasmo Carlos – Carlos, Erasmo (1971). **In: A História do disco**. 09 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.ahistoriadodisco.com.br/2016/08/09/erasmo-carlos-carlos-erasmo-1971/>. Acesso em 09 de fev. de 2022.

MARCHA Contra a Guitarra Elétrica. **Clio: História e Literatura**. 17 de jul. de 2019. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2019/07/17/marcha-contra-a-guitarra-eletrica/> Acesso em 10 de fev. de 2022.

MUSICA Brasilis, Festival da Record de 1967 – 50 anos. **In: Musica Brasilis**, 05 de set. de 2017. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/temas/festival-da-record-de-1967-50-anos>. Acesso em 09 de fev. 2022.

OS Festivais de MPB na Televisão. **In: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. 23 de set. de 2010. Disponível: <https://www.al.sp.gov.br/alesp/banco-imagens/detalhe/?id=72574>. Acesso em 09 de fev. de 2022.

RELEMBRE Tom Jobim no especial MPB deste domingo (6). **In: Radio Universitária FM**. Disponível: <https://www.radiouniversitariafm.com.br/sintonize/relembre-tom-jobim-no-mpb-especial-deste-domingo-6/>. Acesso em 09 de fev. de 2022.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. Os Festivais de MPB na televisão. **In: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.** 23 de set. de 2010. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=296983> Acesso em 09 de fev. de 2022.

Terra em Transe. **In: Adoro Cinema.** Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-2672/>. Acesso em 10 de fev. de 2022.

THE Beatles – Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band – Vinil Importado Colorido Azul. **In: Vinil Records.** <https://vinilrecords.com.br/produto/the-beatles-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-vinil-importado-colorido-azul/>. Acesso em 09 de fev. de 2022.

UM João Gilberto Genial e pouco conhecido. Urbana Radiola. Poéticas. **In: Outras Mídias.** Disponível: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/um-joao-gilberto-genial-e-pouco-conhecido/> Acesso em 09 de fev. de 2022.

MELO, Geovana. Funk Ganha nova cara com ascensão do ritmo 150 bpm: Kevin O Cris e MC Rebecca são os destaques no cenário do funk atual. **In: Correio Braziliense.** Acervo. 11 de jul. de 2019. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/11/interna\\_diversao\\_arte,769797/funk-tem-ascensao-do-ritmo-150-bpm.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/11/interna_diversao_arte,769797/funk-tem-ascensao-do-ritmo-150-bpm.shtml). Acesso em 25 de fev. de 2022.

CAVALCANTI, Amanda. MC Livinho: “Minha vontade era gravar um soul antigo, na pegada Nina Simone”. **In: Vice.** Noisey. 06 de mar. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/xw53kz/mc-livinho-rebeca-entrevista>. Acesso em 25 de fev. de 2022.

### **Discografia:**

Tropicália ou Panis et Circencis. São Paulo: RGE, 1968 (1 disco)

## 6 ANEXOS

### ANEXO I: LETRA DA CANÇÃO “*PANIS ET CIRCENSE*”

Eu quis cantar minha canção iluminada de sol  
Soltei os panos sobre os mastros no are  
Soltei os tigres e os leões nos quintais  
Mas as pessoas na sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer

Mandei fazer de puro aço luminoso um punhal  
Para matar o meu amor e matei  
Às cinco horas na avenida central  
Mas as pessoas da sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer

Mandei plantar folhas de sonhos no jardim do solar  
As folhas sabem procurar pelo sol  
E as raízes procurar, procurar  
Mas as pessoas da sala de jantar  
Essas pessoas da sala de jantar  
Mas as pessoas da sala de jantar  
Mas as pessoas da sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer

Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala de jantar  
 Essas pessoas da sala

Me passa a salada por favor  
 O pão por favor, só mais um pedacinho

## ANEXO II – TABELA (ROTEIRO VÍDEO 1)

<b>Título</b>		
<b>Número e título</b>	APRESENTAÇÃO: Websérie: A canção no ensino de História	Vídeo 1
<b>Apresentador</b>	Livia Aparecida Boer	
<b>Data</b>	02\03\2022	
<b>Tempo</b>	1 minuto	
<b>Objetivo</b>	Fazer vídeo introdutório para divulgação da proposta e da série de vídeos, tanto no Youtube quanto no Instagram, visando inscrições e visualizações.	
<b>Materiais utilizados</b>	Câmera do celular, microfone de lapela e notebook para edição	
<b>Recurso de edição</b>	Shortcut, Canva	
<b>Posição da câmera</b>	Horizontal (Youtube).	
<b>Posição do(a) apresentador(a)</b>	Sentada, fundo desfocado	
<b>Cenário</b>	Iluminado, apresentadora sentada, de costas para parede com pôster do Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (album Beatles, referência da Tropicália), luminaria <i>vintage</i> e Mini Armário com livros de História	
<b>Figurino</b>	Camisa florida 1.	

<b>Tópico</b>	<b>Texto base</b>	<b>Apoio visual</b>
<b>Abertura</b>	<p>Olá pessoal, tudo bem? Meu nome é Livia, sou graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal.</p> <p>Estou passando aqui hoje para convidá-los a acompanhar a websérie: “A canção no ensino de História”.</p> <p>Essa proposta tem o objetivo de experimentar e explorar as possibilidades do Youtube como um recurso metodológico para o ensino de História e constitui minha temática de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira.</p> <p>A websérie contará com três episódios, em que discutirei temáticas como o Ensino de História e a Música Popular Brasileira, e o movimento da Tropicália.</p> <p>Já anota aí! O primeiro episódio vai ao ar no dia 04 de março no Canal do Lapeh no YouTube.</p> <p>Se você gostou e quer saber mais, deixe o seu like e se inscreva no canal para não perder nada!</p> <p>Compartilhe com seus amigos e vem com a gente nessa experiência!</p> <p>59-Até Mais! (sorriso no rosto)</p>	<p>Texto: 04 de Março de 2022 – LAPEH nas redes</p>

### ANEXO III – TABELA (ROTEIRO VÍDEO 2)

<b>Título</b>		
<b>Número e título</b>	A canção no ensino de História   Ep.1 - Ensino de História e Música: o que é isso?	Vídeo 2
<b>Apresentador</b>	Livia Aparecida Boer	
<b>Data</b>	04\03\2022	
<b>Tempo</b>	20 minutos	
<b>Objetivo</b>	Apresentar a temática sobre História e Música Popular.	

<b>Materiais utilizados</b>	Câmera do celular, microfone de lapela e notebook para edição	
<b>Recurso de edição</b>	Shortcut, Canva	
<b>Posição da câmera</b>	Horizontal (Youtube).	
<b>Posição do(a) apresentador(a)</b>	Sentada, fundo desfocado	
<b>Cenário</b>	Iluminado, apresentadora sentada, de costas para parede com pôster do Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (album Beatles, referência da Tropicália), luminaria <i>vintage</i> e Mini Armário com livros de História	
<b>Figurino</b>	Camisa florida 2	

<b>Tópico</b>	<b>Texto base</b>	<b>Apoio visual</b>
<b>Abertura</b>	Olá, tudo bem? Estamos iniciando nossa websérie “A canção no Ensino de História”. No episódio de hoje falaremos sobre alguns aspectos introdutórios para entender melhor esses campos. Mas antes de iniciarmos já se inscreve aqui no canal do LAPEH, deixe seu like e ative as notificações para você não perder nenhum vídeo! Vamos lá!	
[corte 1– 5 seg] [5 seg – retoma]	O Ensino de História é um campo muito amplo, pois eu como futura professora e historiadora, posso trabalhar com inúmeras temáticas e as desenvolver de formas diversificadas. Por exemplo, posso trabalhar com a temática de Patrimônio, explorando arquivos, que não necessariamente precisam ser presenciais. Hoje, com a internet, podemos acessar on-line diversos acervos, museus e até mesmo mapas com um simples clique, facilitando o nosso fazer. No entanto, existem metodologias diversificadas dependendo do objetivo que você quer alcançar.	[colocar trecho do metrônomo]

<p><b>[corte 2– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>O que você acabou de ouvir é o som de um metrônomo, que é utilizado na música exatamente para marcar o tempo que está ali.</p> <p>Ou seja, existem diversos ritmos e cada estilo se adequa mais ao seu, o importante é entendermos que o ritmo é o que dita o tempo, o andamento da música. Quando mais lenta for, menores são os BPMs, quanto mais agitada, maior a quantidade de batidas por minuto.</p> <p>E ainda mais, é o que vai dizer como a melodia se encaixa ali, como a harmonia se encaixa ali, é o que vai contemplar o fluxo e o pulso daquela música.</p> <p>Ao pensar sobre Música e História, o que vem na sua cabeça? Talvez aquela aula em que um professor apresentou uma canção para ler a letra e falar de um período específico. Ok, tá tudo bem.</p> <p>Porém, vamos pensar em outra forma de utilizar as canções no Ensino de História?</p> <p>O historiador Marcos Napolitano, apresenta para nós o uso da canção como um recurso metodológico e também como objeto de análise. E o que isso significa? Significa que não podemos desassociar esses campos. O Ensino também é pesquisa. Sua principal contribuição é de apontar que não podemos somente utilizar a poética, ou seja, ler a letra da música. Também devemos analisar seus códigos internos de funcionamento. Sendo assim, é importante observamos o conjunto completo da obra.</p>	
<p><b>[corte 3– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Termos em mente que o uso de diferentes fontes, incluindo a sonora, auxiliam no processo de consciência histórica, que é nos localizarmos no tempo, ou seja, é compreendermos o que aconteceu no passado, como influencia no presente e o que pode vir a acontecer no futuro, é você, se localizar no tempo e na História. Isso é importante, pois por muito tempo a História era uma disciplina voltada a memorização de fatos e datas e grandes personagens. Com o avançar de estudos e pesquisas, podemos observar que ao incorporarmos gradualmente diferentes fontes, estamos praticando o fazer histórico, ou seja,</p>	

	<p>estamos buscando novas e diferentes perspectivas, pois só assim, estamos de fato, buscando compreender o que foi, o que é e o que poderá ser. A canção é uma excelente fonte para estudarmos, principalmente se é algo que você gosta e melhor ainda, se tem familiaridade.</p>	
<p><b>[corte 4– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Não precisamos ser experts em música, devemos apenas nos atentar as ligações que existem entre letra, melodia, arranjos, produção, contexto e assim por diante, pois, somente assim, estaremos trabalhando a canção por completo. Mas espera aí, o que é tudo isso? Vamos lá!</p>	
<p><b>[corte 5– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Quando estamos falando de canção, existem diversas possibilidades, pois são muitos os gêneros e estilos de composição. Por exemplo, você já ouviu falar do 150 bpm? Trata-se de 150 batidas por minuto, ou seja, é o ritmo da música.</p> <p>[colocar trecho do metrônomo]</p> <p>Você já deve ter ouvido em algum lugar, pois é amplamente utilizado dentro do nosso funk, ou seja, 150 batidas por minuto é um ritmo muito utilizado no funk carioca brasileiro. Isso que você acabou de ouvir é o som de um metrônomo, que é utilizado na música exatamente para marcar o tempo que está ali.</p> <p>Ou seja, existem diversos ritmos e cada estilo se adequa mais ao seu, o importante é entendermos que o ritmo é o que dita o tempo, o andamento da música. Quando mais lenta for, menores são os BPMs, quanto mais agitada, maior a quantidade de batidas por minuto.</p> <p>E ainda mais, é o que vai dizer como a melodia se encaixa ali, como a harmonia se encaixa ali, é o que vai contemplar o fluxo e o pulso daquela música.</p>	<p>Texto: 150 batidas por minuto</p>



<p><b>[corte 6 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Seguindo essa linha, um exemplo de melodia, é o MC Livinho, pois muito de suas músicas possuem a linha melódica muito característica, principalmente por sua voz, visto que a voz, o canto, é um instrumento melódico.</p> <p>E o que isso quer dizer?</p> <p>Quer dizer que a melodia é uma sucessão de sons que trazem a característica principal daquela canção, é o que vai diferenciá-la das outras. E pode ser feito com qualquer instrumento. Como quando você canta “Parabéns pra você” para alguém, você está reproduzindo uma melodia, muito característica e marcante.</p>	
<p><b>[corte 7 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Já a harmonia, é a junção desses sons. O próprio nome já diz, harmonia, é tudo junto ali, de forma harmônica, funcionando perfeitamente. Como o soar de um acorde de violão. Mas pense bem, uma nota é tocada sozinha.</p> <p>Pegamos de exemplo um violão, se você apertar uma corda, você está reproduzindo uma nota, agora, se você juntar mais notas, você está tocando uma harmonia e sucessivamente quando você toca outros acordes.</p> <p>Assim percebemos a diferença entre melodia e harmonia. Ao juntarmos com o ritmo, aí temos uma música se formando. E o arranjo, onde entra?</p> <p>O Arranjo é como tudo isso vai ser colocado, dependendo do objetivo que essa composição (letra, melodia, harmonia e afins) quer alcançar, é como vão ser estruturadas e apresentadas.</p>	
<p><b>[corte 8 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>E o primeiro passo para irmos percebendo esses aspectos que falamos um pouco sobre eles agora, é a escuta atenta, ou seja, buscar prestar atenção em cada detalhe que está ali presente, focar em instrumentos, vozes e dessa forma, ir percebendo detalhes que geralmente passam despercebidos.</p> <p>Na História, para analisarmos qualquer fonte, devemos a questionar, para encontrar respostas. Isso mesmo, fazer perguntas ao nosso objeto de pesquisa. No sentido da canção, devemos nos perguntar:</p> <p>Qual o tema geral da canção? Por exemplo, a música “Construção” de</p>	

	<p>Chico Buarque. Lendo o título você pode pensar em algo sobre engenharia, pedreiros e afins, mas na realidade é uma música que fala sobre o descaso com a vida do trabalhador.</p>	
<p><b>[corte 9 - 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Outras questões, são: De quem ou para quem ela está falando\se referindo? Quais são os tipos de rimas, formas de escrita de letra? Possui figuras e gêneros literários? Com qual objetivo? O que significam? Possui intertextualidade? Em que meio circulou? Qual público alvo? Podemos pensar em inúmeras canções que com uma leitura superficial, nos induzem a acreditar que é somente o que está ali a título, porém, fazendo tais questões, junto com escuta, leitura e melhor ainda, compreensão do período que foi criada, podemos ter outra visão desse objeto.</p>	
<p><b>[corte 10 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Outra canção rica que serve de exemplo desse mesmo artista, é a “Cálice”, pois sua letra nos faz pensar em “Cálice” no sentido de copo, taça. No entanto, quando compreendemos seu período e a escutamos com atenção, podemos observar que na realidade, está se referindo a “Cale-se”, como forma de fugir da censura e também expor o que foi a Ditadura Civil-Militar. Pai, afasta de mim esse cale-se. No sentido denotativo dessa composição, estamos falando de repressão e não boemia como pode aparentar. Dessa forma, vamos identificando a construção da letra da canção, mas claro, devemos perguntar ao todo. Então, como é construída a melodia?, possui ritmo mais alegre, mais melancólico? Quais são os timbres que mais soam? Há mistura de instrumentos, quais são? A música é lenta, rápida ou há alternância rítmica? Qual o gênero musical?</p>	



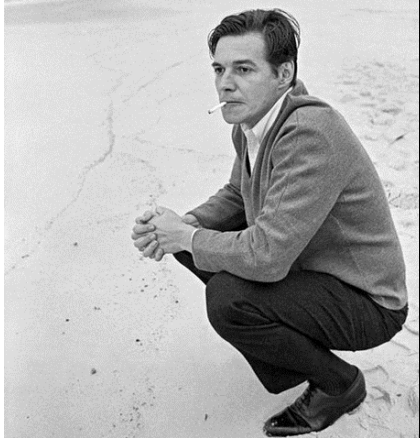
	<p>Perguntas como essa nos ajudam na análise do nosso objeto e junto a compreensão do contexto que está inserida essa canção popular, (popular, pois estamos falando de letra e música, se fosse música erudita, seriam outros parâmetros de análise), podemos compreender o objeto.</p> <p>Mas pode despreocupar, vamos explorar mais isso em um próximo vídeo 😊</p>	
<p>[corte 11– 5 seg] [5 seg – retoma]</p>	<p>Busquei aqui apresentar a vocês como tem sido discutido, ou melhor, como podemos compreender esses diferentes mecanismos e os utilizar no nosso dia a dia.</p> <p>E você, se tivesse de analisar uma música qual seria? Deixe sua resposta aqui nos comentários! Se quiser apenas elogiar também fique à vontade!</p> <p>E você que ficou por aqui até agora compartilhe nossa websérie com seus amigos!</p> <p>E fique ligado, nos vemos no segundo episódio!</p>	




<b>Título</b>		
<b>Número e título</b>	A canção no ensino de História   Ep. 2 – Tropicália: o contexto, as artes e o movimento	Vídeo 3
<b>Apresentador</b>	Livia Aparecida Boer	
<b>Data</b>	07\03\2022	
<b>Tempo</b>	15 minutos	
<b>Objetivo</b>	Apresentar o contexto de 64 nas artes para compreender o que levou a criação do movimento	
<b>Materiais utilizados</b>	Câmera do celular, microfone de lapela e notebook para edição	
<b>Recurso de edição</b>	Shortcut, Canva	
<b>Posição da câmera</b>	Horizontal (Youtube).	
<b>Posição do(a) apresentador(a)</b>	Sentada, fundo desfocado	
<b>Cenário</b>	Iluminado, apresentadora sentada, de costas para parede com pôster do Sgt. Peppers Lonely Hearts	



	Club Band (album Beatles, referência da Tropicália), luminaria <i>vintage</i> e Mini Armário com livros de História	
<b>Figurino</b>	Camisa preta e branca.	

### ANEXO IV – TABELA (ROTEIRO VÍDEO 3)

<b>Tópico</b>	<b>Texto base</b>	<b>Apoio Visual</b>
<b>Apresentação</b>	<p>E aí pessoal, tudo bem?</p> <p>No primeiro episódio da nossa websérie “A canção no ensino de História” discutimos sobre a importância da relação entre o Ensino de História e a Música Popular Brasileira.</p> <p>Nesse segundo episódio, apresentarei algo que você talvez já tenha ouvido falar, mas não tenha dado tanta atenção. Vamos falar sobre o movimento da Tropicália.</p> <p>Mas antes de iniciarmos já se inscreve aqui no canal do LAPEH, deixe seu like e ative as notificações para você não perder nenhum vídeo da nossa websérie.</p> <p>Vamos lá!</p>	
<b>[corte 1– 5 seg] [5 seg – retoma]</b>	<p>Uma das primeiras coisas que devemos compreender é que existem diversas interpretações sobre o que foi a Tropicália. Dentro da historiografia, que é a escrita da história, existem críticas ácidas, outras mais leves, como também, análises que nos mostram um movimento explosivo, colorido, de ruptura, que de fato, revolucionou a música popular brasileira.</p> <p>Vamos a um breve histórico!</p> <p>A tropicália se desenvolveu no Brasil em meio a Ditadura Civil-Militar, na década de 1960, quando o Ocidente estava passando por processos muito marcantes, principalmente envolvendo a juventude, basta lembrarmos do Maio de 68 na França. No Brasil, vemos jovens se organizando e reivindicando mudanças, visto que o regime estava a todo vapor, contra tudo e todos que fossem contra seus ideais.</p> <p>Um trabalho muito legal de citarmos e que nos ajuda a compreender os movimentos, dando ênfase ao LGBT, é o trabalho de Renan Quinalha, pois ele nos mostra como a ditadura no Brasil</p>	

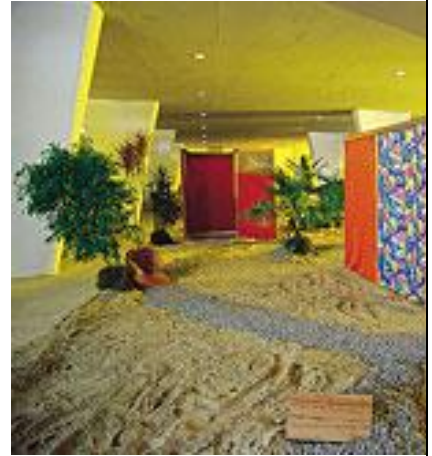
	<p>desempenhou papel repressivo aos corpos, impondo “moral e bons costumes” a seu gosto.</p>	
<p><b>[corte 2– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Nas artes, vamos ver embates entre músicos mais nacionalistas e outros mais abertos a mudanças. Ok, mas nacionalistas em qual sentido? Até então, a música popular brasileira era marcada pela Bossa Nova, por conter brasilidade em sua levada. Sendo assim, alguns músicos não aceitavam mudanças na música, não queriam de forma alguma influências exteriores. Para vocês terem ideia chegou a acontecer a Marcha Contra a Guitarra Elétrica em 1967, protestando contra eurocentrismo em nossa música, visto que estava acontecendo grande modernização no mundo e o Brasil sofria com a Ditadura que teve financiamento dos Estados Unidos da América. Porém, o maior ideal desse curioso acontecimento na História Brasileira, é que realmente estavam protestando contra a guitarra elétrica, pois a viam como um elemento que mancharia a “raiz” da música brasileira, mas também como forma de divulgar o programa “O Fina da Bossa” de Elis Regina. Mais curioso ainda é que Gilberto Gil (sim, um dos idealizadores da Tropicália) também participou da marcha.</p>	<p>Imagem 10: Marcha Contra a Guitarra Elétrica (1967)</p>  <p>Fonte: Clio História e Literatura</p> <p>Imagem 11: João Gilberto</p>  <p>Fonte: Outras Palavras</p> <p>Imagem 12; Antônio Carlos Jobim</p>  <p>Fonte: Rádio Universitária FM</p>

<p><b>[corte 3– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Ok, é um ponto compreensível. Mas... Mesmo trazendo nacionalidade, foi alvo de críticas anos mais tarde, pois em meio ao caos ditatorial, não era um estilo que visava conscientizar as pessoas da situação, sendo até mesmo, elitizado devido a classe que o consumia.</p> <p>Fora as críticas a Bossa Nova, havia também o embate entre a música engajada e a Jovem Guarda. De um lado, uma música que visava trabalhar os problemas sociais e expor o que passava a população, do outro, uma arte descontraída, conhecida como turma do “iê-iê-iê”.</p>	<p>Imagem 13: Erasmo Carlos e Roberto Carlos, 1967</p>  <p>Fonte: A História do disco</p> <p>Imagem 14: Programa Jovem Guarda, em destaque Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Vanderlêia, Wanderley Cardoso e Jerry Adriani</p>  <p>Fonte: AL. SP</p>
<p><b>[corte 4– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Não Podemos nos esquecer que sem dúvidas, a globalização e o acesso a televisão, foram fatores essenciais para a explosão desses conflitos. Um dos exemplos que reforçam o caos vivenciado nessas décadas, são os festivais de Música Popular Brasileira, palco dos conflitos musicais brasileiros, pois o havia o embate entre esses estilos.</p> <p>Os festivais foram fundamentais para a junção dos tropicalistas que fariam acontecer um dos fonogramas mais emblemáticos da história musical brasileira. Em 1967, na TV Record, o Brasil vê acontecer uma disputa musical acirrada para nomeação de melhor canção. Em sua quarta edição, o Festival de Música Popular Brasileira, popularizou artistas e auxiliou na consagração da MPB, bem como, promoveu os conflitos artísticos.</p>	<p>Imagem 15: Edu Lobo (1967)</p>  <p>Fonte: AL.SP</p> <p>Imagem 16: Gil e os Mutantes na apresentação de Domingo no Parque (1967)</p>

		 <p>Fonte: Música Brasilis</p> <p>Imagem 17: Marília Medalha, Edu Lobo e Momento Quatro, durante Ponteio (1967)</p>  <p>Fonte: Música Brasilis</p>
<p><b>[corte 5– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Foi nesse mesmo festival (1967) que Caetano Veloso apresentou “Alegria, Alegria” e Gilberto Gil “Domingo no parque”, trazendo aspectos brasileiros e também estrangeiros, com a participação do grupo Beach Boys Os Mutantes na de Gil, ambos grupos com guitarras elétricas. Vemos aqui um acontecimento divisor de águas na música, pois a partir daí, veríamos uma junção musical que traria ao país um novo conceito de música e arte</p>	<p>3º Festival de MPB da Tv Record 1967 – Caetano – alegria alegria. <b>In: Elvio Schulz</b> [s.l], 29 de out. de 2010. 1 vídeo (07:27). Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=xMZ5gtVDtBc">https://www.youtube.com/watch?v=xMZ5gtVDtBc</a>. Acesso em 09 de fev. de 2022. Trecho: <u>01:30-02:05</u>.</p> <p>Festival Record 1967 – Gilberto Gil – Domingo no Parque. <b>In: Souza Dan.</b> [s.l], 1 vídeo (07:53). Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=bl7xHuEtlyg">https://www.youtube.com/watch?v=bl7xHuEtlyg</a>. Acesso em 09 de fev. de 2022. Trecho: <u>02:40 – 03:15</u></p>
<p><b>[corte 6 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Mas pera aí, não podemos misturar as coisas não. Ao abordamos o movimento tropicalista, devemos pensar em suas diferentes facetas, pois trata-se de diferentes artes, como por exemplo, a proposta por Hélio Oiticica nas artes plásticas que inspiram o fonograma Tropicália ou Panis et Circense. Ou, o Cinema Novo com o filme “Terra em transe” de Glauber Rocha, que fortemente sensibilizou</p>	

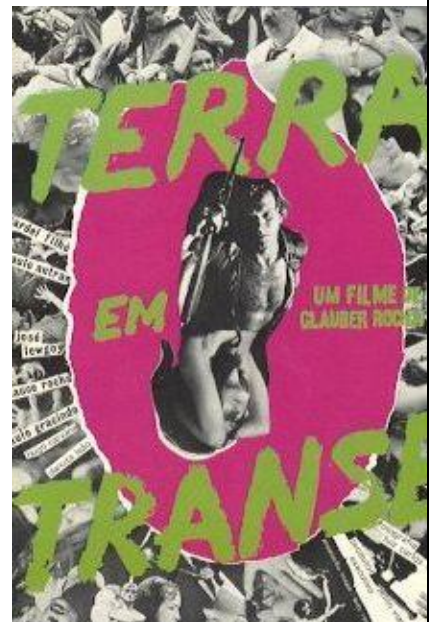
Caetano Veloso, bem como, a peça O Rei da Vela, de Oswald de Andrade, escrita em 1933, exposta no Teatro oficina e montada pelo grupo Zé Celso em 1967. Essas obras foram inspirações fundamentais para a elaboração artística do fonograma, pois apresentam a junção de aspectos de vanguarda, com o modernismo e principalmente, com a capacidade de chocar as pessoas, as deixarem desconfortáveis. No entanto, falavam para a classe media, sobre a classe media, o alcance das artes não estava voltado as massas.

Imagem 18: Tropicália, Hélio Oiticica (1968)



Fonte: Tropicália

Imagem 19: Capa do filme “Terra em Transe” de Glauber Rocha (1967)



Fonte: Adoro Cinema



Imagem 20: Ítala Nandi e Renato Borghi contracenando em O Rei da Vela (1967).



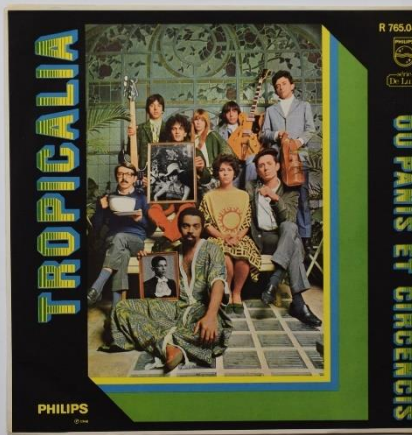
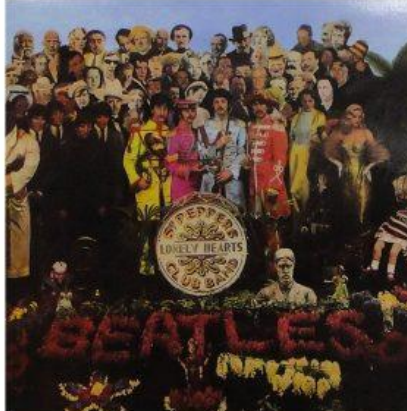
Foto: Freedi Kleemann. Fonte: Isso Compensa

Imagem 21: Registro da segunda montagem de O Rei da Vela, produzida pelo Teatro Oficina em 1971



Foto: Carlos Moskovic. Fonte: Isso Compensa.

<p><b>[corte 7 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Sendo assim, vemos que a Tropicália era um movimento que visava juntar as características mais brasileiras, com aspectos do exterior, como foi o caso da guitarra elétrica e dos efeitos de produção sonora elaborados por Rogério Duprat. Antes mesmo da mistura do grupo, os artistas já manifestavam suas artes que representavam suas ideologias políticas, o que facilitou a junção para o disco.</p> <p>Em 1968, vemos a elaboração e lançamento de uma das canções mais renomadas da música brasileira</p>	<p>Imagem 22: Capa do álbum Caetano Veloso (1968)</p> <p>Fonte: Discogs</p> <p>Imagem 23: Capa do álbum Gilberto Gil (1968)</p> <p>Fonte: Research Gate</p>
<p><b>[corte 7– 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Vemos aí o lançamento de uma obra que não se importava apenas com os quesitos sonoros, mas sim, com a junção de todos os aspectos. Mesmo que cada canção tenha uma proposta diferente, devemos as entender com suas particularidades dentro do todo.</p> <p>Podemos observar pela capa que se trata de uma obra artística completa, o autor Celso Favaretto (leiam ele se vocês gostam e tem interesse sobre esse movimento), faz análise impecável sobre a capa:</p>	<p>(Nesse momento será feita análise da capa, referenciando esse trecho, com a imagem do fonograma destacado)</p>




	<p>Veja-se a capa: ela compõe a alegoria do Brasil que as músicas apresentarão fragmentariamente. Na primeira face sobressai a foto do grupo, à maneira dos retratos partriacaais; cada integrante representa um tipo: Gal e Torquato formam o casal racatado; Nara, em retratoo, é a moça brejeira; Tom Zé é o nordestino, com sua mala de couro; Gil, sentado, segurando o retrato de formatura de Capinam, vestido com toga de cores tropicais, está À frente de todos, ostensivo; Caetano, cabeloira despontando, olha atrevido; os Mutantes, muito jovens, empunham guitarras, e Rogério Duprat, com a chávena-urinol, significa Duchamp. As poses são convencionais, assim como o décor: jardim interno de casa burguesa, com vitral ao fundo, vasos, plantas tropicais e banco de pracinha interioriana. [...] Na capa, representa-se o Brasil arcaico e o provinciano; emoldurados pelo antigo, os tropicalistas representam a representação. [...] Assim, a capa é metalinguagem do disco: alegoriza os materiais devorados e as técnicas de devoração, apresentando os elementos da mistura e o modo de misturá-los.” (FAVARETTO, 2021 pp. 79-83)</p> <p>Muito doido, né?</p>	<p>Imagem 24: Capa do álbum Tropicália ou Panis et Circense (1967)</p>  <p>Fonte: Revista Fórum</p> <p>Imagem 25: Capa do álbum Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band</p>  <p>Fonte: Vinil Records</p>
<p><b>[corte 8 – 5 seg]</b> <b>[5 seg – retoma]</b></p>	<p>Bom pessoal, o que devemos ter em mente é que o movimento da Tropicália nos ajuda compreender o processo histórico que o país estava vivenciando. Em meio a ditadura civil-militar, vemos jovens engajados buscando revolucionar a sociedade e acabar com o regime que estava os oprimindo. Ao mesmo tempo, vemos isso ser forte na classe media, pois não estava entre as massas, as artes eram importantes em suas críticas, mas não atingiam um todo.</p> <p>Com o movimento da tropicália, vemos críticas a todos os setores e também, a ampliação do mercado fonográfico, pois ao fazer essa mistura</p>	

	maluca, revolucionam a forma de se ver e fazer música.	
[corte 9 – 5 seg] [5 seg – retoma]	Bom galera, agradeço quem viu até o final Se ficou alguma dúvida, lança nos comentários! E já sabe, né? Curte, compartilha, se inscreve e manda pros amigoss Até o próximo vídeo!	

#### ANEXO V – TABELA (ROTEIRO VÍDEO 4)

Título		
<b>Número e título</b>	A canção no ensino de História   Ep. 3 – Análise da música <i>Panis et Circense</i>	Vídeo 4
<b>Apresentador</b>	Livia Aparecida Boer	
<b>Data</b>	07\03\2022	
<b>Tempo</b>	15 minutos	
<b>Objetivo</b>	Apresentar análise da letra	
<b>Materiais utilizados</b>	Câmera do celular, microfone de lapela e notebook para edição	
<b>Recurso de edição</b>	Shortcut, Canva	
<b>Posição da câmera</b>	Horizontal (Youtube).	
<b>Posição do(a) apresentador(a)</b>	Sentada, fundo desfocado	
<b>Cenário</b>	Iluminado, apresentadora sentada, de costas para parede com pôster do Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (album Beatles, referência da Tropicália), luminaria <i>vintage</i> e Mini Armário com livros de História	
<b>Figurino</b>	Camisa florida 3	

Tópico	Texto base	Apoio visual
<b>Apresentação</b>	E aí pessoal, tudo bem?	

	<p>Chegamos ao último episódio da nossa websérie A canção no ensino de História 😞</p> <p>E hoje vamos fazer uma análise da música <i>Panis et Circense</i></p>	
<p>[corte 1 – 5 seg]</p>	<p>A canção <i>Panis et Circense</i> escrita por Caetano Veloso e Gilberto Gil, em 1968, e interpretada pelo grupo <i>Os Mutantes</i>, formado pela cantora e compositora Rita Lee e, pelos irmãos compositores e instrumentistas Arnaldo Dias Baptista e Sergio Dias Baptista. Esses três indivíduos se juntaram em 1966 para começar a fazer músicas e logo no ano seguinte, veio o envolvimento com a Tropicália. Daí pra frente, os Mutantes tiveram uma carreira de sucesso, reconhecida internacionalmente, até mesmo por Kurt Cobain, vocalista da famosa banda Nirvana. Hoje, os Mutantes são considerados uma das maiores bandas de rock que esse país já teve.</p>	<p>Imagem 26: Os Mutantes</p>  <p>Imagem 27; Os mutantes em apresentação</p>  <p>Imagem 28: Kurt Cobain com CD dos Mutantes nas mãos</p> 
<p>[corte 2 – 5 seg]</p>	<p>Vamos iniciar nossa análise pelo título da canção! O termo <i>Panis et Circences</i> vem do latim e significa “Pão e Circo”, uma referência a política criada durante o Império Romano, iniciada pelo imperador Otávio Augusto, com o intuito de alimentar as pessoas e as divertir com espetáculos</p>	

	nas arenas para que os líderes pudessem governar conforme seus interesses próprios sem que a população se revoltasse., De modo geral, a música faz uma crítica as famílias da classe média brasileira que, na visão dos compositores, estariam preocupadas apenas com suas vidas particulares, ignorando as demandas da juventude. Para esse segmento da sociedade a vida se resumiria em “nascer e morrer”!	
<b>[corte 3 – 5 seg]</b>	Agora, vamos ouvir com atenção o começo dessa canção	[Solta a música] – 15 segundos – Introdução. [pausa – comentário] (inserir card com letra e música do trecho)
<b>[corte 4 – 5 seg]</b>	Os 15 primeiros segundos da canção são muito interessantes, pois podemos observar um ritmo cantado que remete a uma canção de ninar, girar do carrossel, de forma alegre. Celso Favaretto, faz uma breve análise muito interessante, pois de fato, essa canção, faz esses contrapontos entre alegria e as pessoas na sala de jantar.  [solta a música]	Eu quis cantar minha canção iluminada de sol Soltei os panos sobre os mastros no ar Soltei os tigres e os leões nos quintais Mas as pessoas na sala de jantar São ocupadas em nascer e morrer
<b>[corte 4 – 5 seg]</b>	Nesse verso da canção é possível ver uma jovem que anseia liberdade e que deseja cantar sua canção iluminada de sol e é impedida pelas pessoas na sala de jantar, ou seja, pensando no contexto estudado, estamos falando do impedimento de liberdade. Como também, da limitação da elite intelectual brasileira, visto que a Tropicália estava abrindo caminhos na nossa música. “Mas as pessoas na sala de jantar, são ocupadas em nascer e morrer” Ao final dessa estrofe ouvimos o ritmo desacelerar e começa a segunda parte.	Mandei fazer de puro aço luminoso um punhal Para matar o meu amor e matei Às cinco horas na avenida central
<b>[corte 5 – 5 seg]</b>	Olha que legal, já na segunda estrofe, podemos ouvir o som de metais, mais presentes, como trompetes.	Mandei plantar folhas de sonhos no jardim do solar As folhas sabem procurar pelo sol E as raízes procurar, procurar

	<p>Podemos compreender que esse trecho faz referência aos diversos protestos e repressões que ocorreram na Ditadura Civil–Militar do país, ilustrando a resistência dos jovens e a violência policial cometida contra eles. Ou também, o uso de palavras para chocar, bem comum ao movimento. E de novo, as pessoas na sala de jantar “são ocupadas em nascer e morrer”, barrando o movimento, barrando a agitação, se conformando apenas com o momento ali. De novo, o som pausa.</p>	<p>Mas as pessoas da sala de jantar Essas pessoas da sala de jantar</p>
[corte 6 – 5 seg]	<p>Nesse trecho podemos perceber que há variação rítmica em “nas pessoas da sala de jantar”. Também, fica mais presente o som da flauta doce, dos metais e do pandeiro meia lua.</p> <p>E aí, quando elas estão ocupadas em nascer e morrer, vemos o que Marcos Napolitano chama de “Pick-up”. Que é esse som [toca o trecho - 02:01-02:22], como se estivesse acabando a fita do disco e começa novamente em outro ritmo a canção.</p> <p>Não sei se vocês perceberam, mas de qualquer jeito, agora fica mais evidente. Até então estávamos apenas com a gravação de instrumentos eletroacústicos, veremos mudanças daqui pra frente, onde vemos o ápice da canção, com uma mistura de elementos que sintetiza o que está sendo proposto.</p> <p>[continua para ouvir o fim da canção]</p>	<p>“Essas pessoas na sala de jantar”</p>
[corte 7 – 5 seg]	<p>Vemos nesse final da canção, que dá início ao eletrônico, ao teclado harmônico, a guitarra elétrica, o baixo elétrico. Ritmo acelerado, sem pausa, quase frenético. Até que acaba interrompida e inicia o som de taças quebrando (ao fundo a Valsa).</p> <p>As pessoas falando: “Passa a salada, por favor” “Pão, por favor, só mais um pedacinho”, até que inicia uma espécie de “reverter” no disco e termina com som de estilhaços, como se tudo que estava em cima da mesa da sala de jantar estivesse quebrando.</p> <p>Dessa forma, percebemos que fica explícito que o conflito na canção está entre o eu lírico e as pessoas na sala de jantar.</p>	
[corte 8 – 5 seg]	<p>Uma curiosidade: Rita Lee em entrevista e em sua autobiografia, ambos realizados muitos anos depois</p>	<p>[tocar os trechos – 00h00 – 00h15] – Uma belíssima introdução.</p> <p>[tocar trecho 01:50 – 02:22] – O Pick-up</p>

	<p>do movimento, relata que essa música foi criada em uns 15 minutos. Muito doido, pensando na genialidade que está nela.</p> <p>Percebemos assim a relação que há entre a letra e a melodia. Isso está muito presente nessa canção e no fonograma como um todo, graças aos arranjos de Rogério Duprat. Nessa música, há momentos que ficam evidentes, vamos recapitular?</p>	
<p><b>[corte 9 – 5 seg]</b></p>	<p>Essa canção não teria tanto impacto se não fosse articulada com as partes sonoras na hora de analisar, pois poderíamos interpretar algo, sem aprofundar. E, é exatamente por isso que devemos a ouvir com muita atenção, como falamos em um episódio anterior, a escuta atenta é fundamental para compreendermos a canção.</p> <p>Com essa análise histórica, podemos aferir que a música <i>Panis Et Circense</i> é um retrato do movimento da Tropicália, pois com seus efeitos sonoros propõe algo novo na música brasileira e ilustra o momento vivenciado naquele período de embates no campo cultural e político.</p>	
<p><b>[corte 10 – 5 seg]</b></p>	<p>Bom pessoal, chegamos ao fim da nossa <i>websérie!</i></p> <p>Se você ficou com alguma dúvida, tem uma outra interpretação ou quer sugerir um tema para a segunda temporada da websérie, comenta aí que eu estarei de olho em tudo!</p> <p>Muito obrigada por sua audiência e participação!</p>	<p><b>[corte final – tocar trecho 03:06 – 0:32]</b></p> <p>Na tela:</p> <p>Logo da UFU, Logo do ICHPO, do curso de História e do LAPEH.</p> <p>Direção e Produção: Livia Boer</p> <p>Orientação: Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira.</p> <p><b>[FIM]</b></p>



	Se cuidem!	
--	------------	--

## ANEXO VI – CARD APRESENTAÇÃO

Figura 29: Card Apresentação



## ANEXO VII – CARD EPISÓDIO 1

Figura 30: Card Episódio 1



## ANEXO VIII – CARD EPISÓDIO 2

Figura 31: Card Episódio 2



## ANEXO IX – CARD EPISÓDIO 3

Figura 32: Card Episódio 3



